



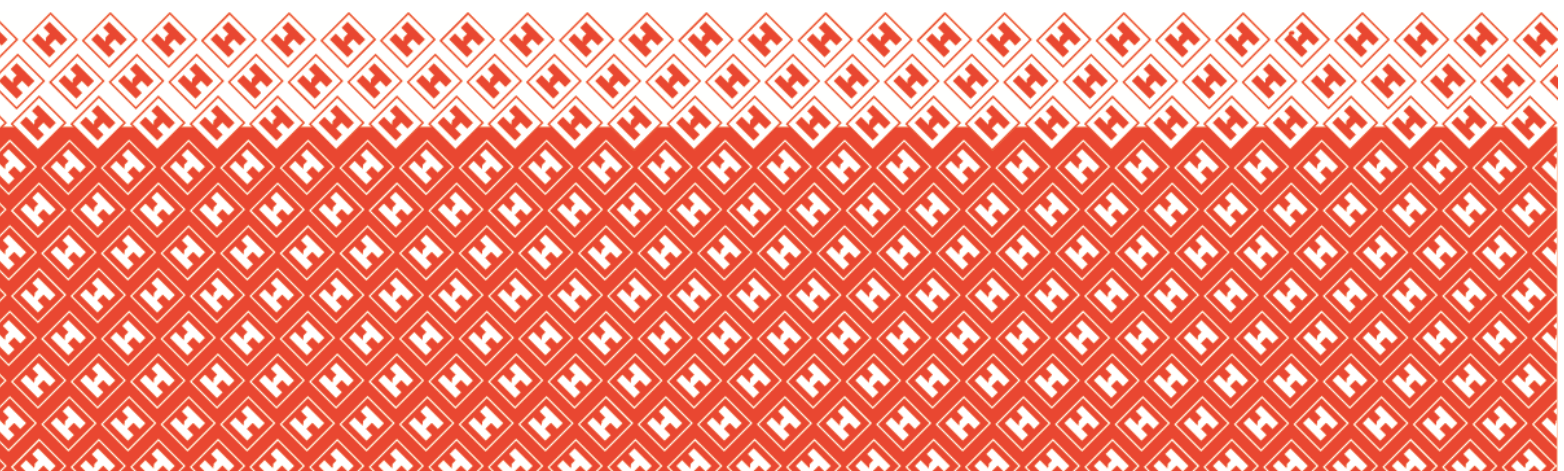
PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

DAYANNE BUSATO ROMANO

**HISTÓRIA LOCAL E PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: VISITANDO E
APRENDENDO COM A ESTAÇÃO SERICÍCOLA DE BARBACENA**

UNIRIO 2019



DAYANNE BUSATO ROMANO

**HISTÓRIA LOCAL E PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: VISITANDO E
APRENDENDO COM A ESTAÇÃO SERICÍCOLA DE BARBACENA**

Dissertação “História local e patrimônio industrial: visitando e aprendendo com a Estação Sericícola de Barbacena”, apresentada como trabalho final do Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Anita Correia de Lima Almeida.

Rio de Janeiro
2019

DAYANNE BUSATO ROMANO

HISTÓRIA LOCAL E PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: VISITANDO E APRENDENDO COM A ESTAÇÃO SERICÍCOLA DE BARBACENA

Dissertação “História local e patrimônio industrial: visitando e aprendendo com a Estação Sericícola de Barbacena”, apresentada como trabalho final do Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Anita Correia de Lima Almeida.

Aprovado em / / .

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Anita Correia Lima de Almeida

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Bogéa Borges

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Prof. Dr. Hilário Figueiredo Pereira Filho

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

Ao meu companheiro, Bruno Loures Valle
Goyatá. Apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu companheiro, Bruno, pela dedicação e apoio ao longo da minha permanência neste programa de Mestrado. A confiança e o amor foram fundamentais.

Ao meu filho, Caetano, por toda a alegria proporcionada, alimento para a mente e a alma.

Aos meus pais e irmãos pelo apoio e por acreditarem, sempre!

À Tia Bel, à Cla e à Clarinha pela casa, comida, amor e gargalhadas ao longo desse processo.

À minha querida amiga Alice, pelo ombro, palavras e força.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Anita, pelo interesse, atenção, direcionamento e encorajamento.

À Prof.^a Dr.^a Vera Borges que, mesmo distante, se fez presente ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Aos demais professores do programa PROFHISTÓRIA da UNIRIO e da UFRJ.

Ao Prof. Dr. Ivan Velasco pelo acolhimento e diversão nas aulas de Antropologia na UFSJ.

Aos meus colegas do programa PROFHISTÓRIA, por compartilharem suas experiências e pela força de grupo demonstrada.

À Banca Examinadora, pela disponibilidade e colaborações para a realização deste trabalho.

Às pessoas que se envolveram e me ajudaram na realização deste trabalho, como os funcionários do Arquivo e da Biblioteca Municipais de Barbacena, o Grupo Ponto de Partida e a Secretaria de Obras da Prefeitura de Barbacena.

Ao Programa PROFHISTÓRIA e à UNIRIO pela oportunidade e portas abertas.

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é a de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da história. (Paulo Freire, 2015)

RESUMO

Este trabalho volta-se para a história da Estação Sericícola de Barbacena – MG e seu potencial como espaço informal de aprendizagem. Aborda, primeiramente, a história da antiga fábrica de seda e sua cultura de produção. Em seguida, transforma este conteúdo em conhecimento ensinável por meio de uma aula de campo para turmas de Ensino Fundamental. Com a aula de campo, o objetivo foi abrir espaço para discussões acerca do patrimônio local, da formação de identidade e da cidadania. E, afinal, das potencialidades dos espaços extraescolares e, em particular, dos bens patrimoniais, como ferramentas para o Ensino de História. Como resultado da pesquisa, foi produzido um Guia de aula de campo para a Estação Sericícola, com orientações sobre como explorar com fins educacionais o espaço, contendo ainda sugestões para o uso educacional de outros locais da cidade. O material produzido destina-se a professores e demais interessados na história local.

PALAVRAS-CHAVE: História; Ensino de História; Patrimônio; Aula de Campo; Identidade; Cidadania.

ABSTRACT

This work is about the history of the Seracícola Barbacena Station - MG and its potential as an informal learning space. It deals, first, with the history of the old silk factory and its production culture. It then transforms this content into teachable knowledge through a field class for Elementary School classes, which opens space for discussions about heritage, identity formation and citizenship. It also results in a Field Lesson Guide for the Sericícola Station, with guidelines on how to explore for educational purposes the space, opening possibility to other places of the city. The material produced is intended for teachers and others interested in local history.

KEYWORDS: History; History teaching; Patrimony; Field class; Identity; Citizenship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<u>IMAGEM 1: CASULOS DA ESTAÇÃO SERICÍCOLA DE BARBACENA</u>	22
<u>IMAGEM 2: MÁQUINA DE ENVOLVER E TORCER MEADAS DE SEDA</u>	23
<u>IMAGEM 3: BACIA DE COBRE COM MEADAS/CARRETÉIS DE FIOS DE SEDA PRONTOS PARA VIRAR TECIDO</u>	24
<u>IMAGEM 4: APARELHO PARA MEDIR METRAGEM DE CARRETÉIS</u>	25
<u>IMAGEM 5: MÁQUINA UTILIZADA PARA O FABRICO DE ROUPAS DE SEDA</u>	26
<u>IMAGEM 6: MÁQUINA UTILIZADA PARA O FABRICO DE ROUPAS DE SEDA</u>	27
<u>IMAGEM 7: ESTAÇÃO SERICÍCOLA DE BARBACENA NOS DIAS ATUAIS</u>	30
<u>IMAGEM 8: ESTAÇÃO SERICÍCOLA DE BARBACENA NOS DIAS ATUAIS</u>	31
<u>IMAGEM 9: ESTAÇÃO SERICÍCOLA DE BARBACENA NOS DIAS ATUAIS</u>	32
<u>IMAGEM 10: ESTAÇÃO SERICÍCOLA DE BARBACENA NOS DIAS ATUAIS</u>	33
<u>IMAGEM 11: FÁBRICA NA ESTAÇÃO SERICÍCULA</u>	38
<u>IMAGEM 12: FÁBRICA NA ESTAÇÃO SERICÍCULA</u>	39
<u>IMAGEM 13: FÁBRICA NA ESTAÇÃO SERICÍCULA</u>	40
<u>IMAGEM 14: ESCOLA SÉRICA EM FUNCONAMENTO</u>	42

SUMÁRIO

<u>CAPÍTULO 1. ESTAÇÃO SERICÍCOLA DE BARBACENA: UMA HISTORIOGRAFIA REVISITADA</u>	12
<u>1.1 DA CRIAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA ESTAÇÃO SERICÍCOLA: COLONIZAÇÃO, CAMPANHA SÉRICA E INDUSTRIALIZAÇÃO</u>	12
<u>1.2 A CULTURA DA SEDA</u>	19
<u>1.3 O DESFECHO FABRIL.....</u>	28
<u>CAPÍTULO 2. ESTAÇÃO SERICÍCOLA, ENSINO DE HISTÓRIA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE LOCAL COM VISTAS À CIDADANIA</u>	34
<u>2.1 A CIDADE COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM: AULA DE CAMPO E TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA</u>	34
<u>2.2 IDENTIDADE LOCAL E CIDADANIA</u>	48
<u>CAPÍTULO 3. GUIA DE AULA DE CAMPO DE HISTÓRIA PARA A ESTAÇÃO SERICÍCOLA</u>	51
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	57
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	59
<u>APÊNDICE – GUIA DE AULA DE CAMPO DE HISTÓRIA</u>	63
<u>ANEXO – GUIA DE AULA DE CAMPO DE HISTÓRIA – VERSÃO IMPRESSA</u>	71

INTRODUÇÃO

Cursei Licenciatura em História pela Universidade Federal de Ouro Preto de 2006 a 2010, tendo iniciado o trabalho de professora de História em fevereiro de 2011, com turmas do último ano do Ensino Fundamental (9º), 1º e 2º anos do Ensino Médio em uma escola Particular no município de Cariacica – ES.

Entre 2011 e 2016, lecionei em turmas de Ensino Fundamental (séries finais) e Ensino Médio em diversas instituições do Espírito Santo, particulares e estaduais, em municípios como Cariacica, Marechal Floriano e Vitória, bem diversos em sua formação, sociedade e cultura. Minha experiência levou a descobertas e incômodos. Em especial, o fato de os estudantes conhecerem pouco da história de suas cidades bem como elas próprias.

Este fato me chamou atenção particularmente porque entendo que a educação deveria estar destinada à formação de cidadãos atuantes em seus espaços sociais. E na medida que não o conhecem, e nem mesmo a sua história, o exercício da cidadania fica comprometido já que as necessidades da cidade não são compreendidas e atendidas por seus cidadãos e representantes.

De mudança para a cidade de Barbacena em agosto de 2016, mesmo mês em que ingressei como estudante no Programa de Pós-graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), verifiquei que o mesmo problema ocorria com os estudantes desta cidade ao levar uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental da escola Salesianas em visita de campo à Estação Sericícola. Muitos alunos não conheciam presencialmente a Estação, mesmo sendo este um lugar de destaque na história da cidade e um centro cultural que abriga o Grupo de teatro Ponto de Partida e a Bituca Universidade Popular de Música.

O local, portanto, é patrimônio vivo da cidade, tombado como patrimônio cultural pelo Município e protegido legalmente, além de integrado à vida da cidade, sendo utilizado para a produção de arte, conhecimento e cultura.

Dessa forma, esta pesquisa teve início com a investigação acerca da história da Estação Sericícola, que foi abordada neste trabalho no *Capítulo 1: Estação Sericícola de Barbacena: uma historiografia revisitada*. O Capítulo procurou fazer um percurso pela história deste espaço, desde a ocupação inicial do local, onde foi instalada a sede da fábrica, passando pela campanha sérica empreendida pelo imigrante italiano Amílcar

Savassi, para finalmente abordar o funcionamento da fábrica e a cultura de produção da seda pura.

A intenção foi dar visibilidade à Estação Sericícola selecionada para a realização deste trabalho, não apenas como um local de importância histórica para a cidade de Barbacena e para a história da industrialização nacional, mas, também – e sobretudo – como um espaço de aprendizagem.

Como documentação para embasar a pesquisa, foram selecionadas fontes locais que tratam da história da Colônia Rodrigo Silva, onde se localizava a Estação Sericícola. Também foi utilizado o jornal *O Sericicultor*, cujo diretor, Amílcar Savassi, foi também diretor da colônia e da fábrica. E, ainda, depoimentos de membros do grupo Ponto de Partida e fotografias de seu acervo.

O *Capítulo 2: Estação Sericícola, ensino de História e construção de identidade local com vistas à cidadania* traz uma proposta de transposição didática do conteúdo produzido no capítulo anterior, propondo que seja aplicado, fazendo-se uso, como estratégia didática, de uma aula de campo. O Capítulo apoia-se na perspectiva central que orientou a pesquisa, a de proporcionar ao professor e ao estudante a possibilidade de utilizar a cidade como espaço de ensino-aprendizagem.

Além disso, o texto trata da construção da identidade por meio desse tipo de proposta educativa e a sua relação com o exercício da cidadania, elementos constituintes das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional propostas para o Ensino Fundamental.

Finalmente, no *Capítulo 3: Guia de aula de campo de História para a Estação Sericícola de Barbacena*, estão expostas as justificativas e a metodologia empregada na elaboração da aula de campo e do *Guia de aula de campo de História: Estação Sericícola*. O texto do *Guia* encontra-se reproduzido e discutido no Capítulo 3 e o *Guia* impresso segue em anexo, ao final desta dissertação.

CAPÍTULO 1. ESTAÇÃO SERICÍCOLA DE BARBACENA: UMA HISTORIOGRAFIA REVISITADA

1.1 Da criação e funcionamento da Estação Sericícola: colonização, campanha sérica e industrialização

Os Decretos de número 9.671 e 9.672 de 10 de julho de 1912 criaram as estações sericícolas de Barbacena, em Minas Gerais, e Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul (RIBEIRO, 2012:195.), sendo as primeiras desse tipo no Brasil. A campanha sérica empreendida pelo imigrante italiano Amílcar Savassi iniciada em 1897, enfim, materializou-se em indústria.

Nascido em 15 de agosto de 1876, veio para o Brasil em 1887 e iniciou seus trabalhos de incentivo a sericicultura em 1897. O jornal *O Sericicultor*, de 21 de julho de 1912, publicou o seguinte trecho em matéria acerca da fundação da fábrica:

[...] Nós (a administração e direção do jornal, tendo à frente Amílcar Savassi), que, desde o anno1 de 1897, há cerca de 15 anos portanto, nos viemos batendo desinteressadamente em prol da sericicultura no País e em especialmente neste Estado – não podemos deixar de congratularmo-nos com o digno titular da pasta da Agricultura, exmo. Sr. Pedro de Toledo, pela salutar medida que acaba de ser aprovada (...). (ANDRADA, 2006:32-33)

Apesar do marco histórico de fundação da fábrica em 1912, toda a estrutura agrícola e mecânica foi sendo preparada por seu idealizador junto ao governo federal, estadual e municipal, redes de transporte, colonos e demais interessados nos anos anteriores. Parte desse processo era também registrado e publicado pelo jornal *O Sericicultor*, fundado em 1906.

A Colônia Rodrigo Silva, instalada em 1888 pelo Governo Imperial, foi o principal terreno desta empreitada. Cedida ao Estado de Minas Gerais em 1890, com uma área inicial de 37.802.670,20 m², a colônia foi habitada essencialmente por imigrantes italianos que em 1911, representavam 1.364 habitantes dos 1.614 que ali se instalavam, entre eles Amílcar Savassi, o qual foi nomeado diretor da Colônia em 1898, quando logo começou a incentivar a plantação de amoreira e a criação do bicho-da-seda, além de outras iniciativas agropecuárias. (SAVASSI, 1991:208)

A ocupação de colonos se dava, a princípio, da seguinte maneira:

1 As citações estão transcritas na íntegra, respeitando a grafia original.

[...] A concessão dos lotes deverá ser gratuita ou onerosa, conforme o nucleo tiver sido estabelecido em terrenos devolutos ou adquiridos pelo Estado.

Compreende-se que, neste último caso, o nucleo será estabelecido em terrenos que, pela sua qualidade e situação, offerecerão maiores facilidades de exito para os colonos. Pelo preço da casa e dos demais auxilios do primeiro estabelecimento, serão debitados os colonos para pagamento em prestações. Logo que o colono tenha saldado o seu debito, terá direito ao título difinitivo do lote, se neste, desde o seu estabelecimento, tiver mantido cultura effectiva e morada habitual. ²

Para contemplar o pré-requisito de cultura efetiva, o estado subsidiava as sementes para as primeiras plantações:

Conforme noticiados em nosso numero passado, continua, a administração da colonia, a fazer distribuição gratuita de semente de arroz a todos quantos queiram dedicar-se a esse ramo de agricultura neste municipio. A semente foi fornecida pela Directoria Geral de Agricultura do Estado. ³

A diversidade de gêneros agrícolas marcou os anos iniciais de desenvolvimento da Colônia Rodrigo Silva e, para efeitos de registro e notoriedade do local, Amílcar Savassi emitia frequentemente em seu jornal, relatórios acerca das atividades desenvolvidas:

Tende a desenvolver-se cada vez mais a viticultura. Para o enxerto das variedades existentes (...), trouxe da Itália algumas variedades de uvas brancas e pretas, que já distribui entre os colonos (...).

Também a pomicultura esta se desenvolvendo regularmente na colonia. Com as variedades de enxerto que pedi e que me foram remetidas pela Sociedade Nacional de Agricultura (...), já se colhem algumas fructas de variedades diversas, como sejam: maçãs de varias qualidades, figos, ameixas do Japão etc. ⁴

Essa diversidade de culturas proporcionou a fixação dos colonos, que também foram frequentemente incentivados ao cultivo da amoreira e do bicho-da-seda, como parte da grande empreitada para instalação da indústria sérica promovida por Amilcar

² O jornal *O Sericicultor* foi criado em 1906 para ser uma publicação quinzenal (porém, muitas vezes foi publicado em espaços maiores de tempo devido as muitas atribuições de seu diretor). Nele, existiam seções destinadas a sericicultura, a colonização, informações oficiais sobre o município de Barbacena, o estado de Minas Gerais e comunicados federais, além de propagandas de serviços e produtos locais, tendo permanecido em atividade até 1923. O fragmento citado está em *O Sericicultor*, Ano I, N.5, 1906. P.2.

³ *O Sericicultor*, Ano I, N.5, 1906. P.3.

⁴ *O Sericicultor*, Ano I, N.17, 1906. P.3.

Savassi. Entre os diferentes gêneros, “na Colonia Rodrigo Silva, fornece-se gratuitamente, mudas da amoreira e ovulos do bicho da seda.”⁵

Antes da fundação da Estação Sericícola de Barbacena em 1912, Amílcar Savassi empreendeu campanhas de plantio de amoreiras, já que a folha dessa arvore é o alimento do bicho-da-seda, e de cultura do *Bombyx mori*, o bicho-da-seda, cuja larva desenvolve o invólucro sérico que resulta no fio da seda. Em outras palavras, o bicho fabrica o seu casulo e nele se aprisiona para fazer a sua metamorfose em borboleta, e é deste casulo que se origina o fio para a fabricação da seda.

Amílcar Savassi preocupava-se em orientar aos interessados sobre o cultivo de amoreiras e justificou ser necessária instrução, pois

[...] sem methodo, sem perseverança, sem instrucção, sem pratica, sem o ensino - por mais elementar que seja a industria agricola, fica ella exposta a accidentes e mallogros que redundam em desanimo e descredito.”⁶

Dessa forma, construiu e consolidou tal prática publicando instruções:

[...] Estamos no mês de agosto, ocasião justamente em que devemos começar o plantio da amoreira por estaca. E’ sufficiente como temos asseverado milhares de vezes, fincar um simples galho de amoreira na distância de 4/4 metros de um a outro pé.

[...]
Entre, porém, todas as operações sericícolas, nenhuma é de maior importancia do que a que se refere à criação do precioso bombyx, causa primordial de immensa actividade, porque sem essa base não poderiam existir as succedivas operações.⁷

Outro método de incentivo ao conhecimento acerca da sericicultura e envolvimento com esse trabalho era a realização de concursos, às vezes realizados pelo próprio jornal, como o de título *Concurso Util*:

Como estímulo aos que se interessam pelo nosso desenvolvimento industrial - abrimos hoje um concurso - com as seguintes perguntas:
Os ensaios da Sericicultura autorisam a esperar-se da exploração dessa industria em larga escala grandes vantagens?
Quaes os meios praticos e exequíveis para incremental-a no paiz?
Como recompensa aos que melhor solução derem ao questionário formulado, offerecemos tres premios (...),⁸

⁵ *O Sericicultor*, Ano I, N.08, 1906. P.3.

⁶ *O Sericicultor*, Ano II (2ª fase), N.20, 1909. P.1.

⁷ *O Sericicultor*, Ano I, N.8, 1906. P.2.

geralmente pagos com peças de tecido de seda já produzidos na Colônia Rodrigo Silva.

Em viagem à Itália em 1905, Amílcar Savassi frequentou a Real Escola de Sericicultura em Milão e visitou diversos estabelecimentos séricos da Itália, Alemanha e Suíça, confirmando que a produção de seda era possível e rentável. Ao regressar, registrou:

A Itália tira de sua produção sericícola mais de 30 milhões. Estes factos são eloquentes e devem convencer os agricultores, dos grandes lucros que podem provir-lhes desse ramo de produção agrária. [...] ⁹

Apesar dos dados trazidos por ele, era necessário pensar um projeto para o Brasil, mais especificamente uma colônia de imigrantes do Estado de Minas Gerais, pertencente a Barbacena. Todo aparato foi então sendo projetado para a adequação da indústria neste espaço, desde a produção da matéria prima ao mercado revendedor da seda. Em campanha, Amilcar Savassi apresentava as vantagens e estratégias para o negócio:

As condições que me parecem necessárias e suficientes para que uma industria qualquer possa desenvolver-se, prosperar e ter exito garantido são as seguintes

- a) Haver facilidade para a produção da materia prima;
- b) Dispor de meios para sua propaganda;
- c) Ter mercado para a materia prima;
- d) Existirem machinismos aperfeiçoados para o beneficiamento e pessoal apto para todo o serviço;
- e) Ter facilidade para a collocação os productos fabricados ou beneficiados.

[...]

Com effeito, a cultura da amoreira, como ninguém ignora, tem sido já experimentada, com verdadeiro successo, e está desenvolvendo-se em todas as regiões de Minas, não constando que em parte alguma tenha sido essa planta atacada por doenças. A criação do bicho da seda tambem já tem sido feita e com o mesmo successo, em diversos municipios só Estado, taes como: Barbacena, S. João d'El-Rey, Marianna, Ouro Preto, Viçosa, Cataguazes, Leopoldina, Mar d'Hespanha, Aguas Virtuosas, Bello Horizonte e muitos outros.

[...]

Accresce ainda que, a amoreira vegetando em nosso clima quasi continuamente, se poderá fazer, em cada anno, mais de uma criação do bicho da seda, como se tem praticado na colonia “Rodrigo Silva”, o que constitui um motivo de real vantagem para o exito desta industria entre nós.

[...]

⁸ *O Sericicultor*, Ano II (2ª fase), N.18, 1909. P.2.

⁹ *O Sericicultor*, Ano I, N.8, 1906. P.2.

Naquela colonia, centro principal desta industria, dispõe o Sr. Amílcar Savassi dos elementos indispensáveis a sua propaganda. De facto, já existem ali muitos milhares de pés de amoreira; desenvolvida criação de bichos da seda, feita pelos colonos e pelo director; grandes viveiros de amoreira da melhores qualidades; para distribuição gratuita de mudas; que já gosam de transporte ferroviario tambem gratuito ¹⁰; ovulos do bicho da seda de produção nacional e importados da Itália, para distribuição nas mesmas condições e um excelente periodico “O Sericicultor”, pelo qual Savassi faz propaganda escrita desta industria, mostrando as vantagens, indicando, com conhecimento proprio, as melhores variedades da amoreira que distribue, o modo do seu plantio, os cuidados necessarios á criação do sirgo, e responde tambem ás consultas que lhe são feitas nesse sentido, de modo a aproveitar a todos os interessados. Não falta, pois, mercado para a materia prima.¹¹

Na mesma viagem à Europa, de 1905, Amílcar Savassi adquiriu, às expensas do governo mineiro, maquinismos de fiação do casulo do bicho-da-seda, preparo do fio e tecelagem, que foram instaladas na Sede da Colônia Rodrigo Silva.

[...] Os machinismos para fiação e tecelagem foram adquiridos na Itália, em Luino, no estabelecimento do Cav. Gio-Battaglia, estabelecimento este que já installou diversas e custosas fábricas de fiação e torcedura na Austria, por conta do governo daquelle paiz, e innumerar na Itália, França e em muitos outros paizes.¹²

Dessa forma, em 1906, a fábrica foi montada na sede da colônia Rodrigo Silva e, por representar o desenvolvimento na região, recebia já no início de seu funcionamento, visitas importantes:

Distinguiu-nos com sua visita o laborioso Presidente do município, Exmo. Sr. Dr. Henrique Diniz.
S. Exa. Percorreu todas as dependências da fábrica de fiação e tecelagem de seda, prestes a inaugurar-se na colônia.¹³

E mais,

¹⁰ Em nota denominada “Despacho de casulos” emitida pelo jornal O Sericicultor N.32, de 15 de novembro de 1907, foi publicada a resposta ao pedido de Amílcar Savassi para isenção do transporte ferroviário de casulos, na qual conta a descrição seguinte: “De ordem do Sr. Ministro e em resposta ao vosso officio n. 110, de 10 de maio último, em que solicita isenção de frete na Estrada de Ferro Central do Brasil e outras da União para os casulos de seda de produção nacional remetidos á fabrica de fiação desta colonia, tenho a honra de comunicar-vos ter o Director da Estrada de Ferro Central do Brasil, informado que nas tarifas em elaboração está attendido o vosso pedido. Saude e Fraternidade - Sr. Director da Colonia Rodrigo Silva. J.F. Soares Filho, Director Geral”.

¹¹ O Sericicultor, Ano II (2ª fase), N.20, 1909. P.1.

¹² O Sericicultor, Ano I, N.8, 1906. P.2.

¹³ O Sericicultor, Ano I, N.5, 1906. P.1.

Acompanhado de seu filho José, tivemos o imenso prazer de receber a visita do idolatrado mineiro Exmo. Sr. Dr. Bias Fortes.

S. Exa. percorreu, acompanhado do director da colonia, todas as dependencias da fabrica de fiação e tecelagem de seda, que em breve será inaugurada na colonia.

Ao honradissimo chefe politico agradecemos a honroza visita.¹⁴

Em 1907, o que viria a ser a fábrica inaugurada em 1912 começa a ser instalada no local onde hoje se encontra este bem patrimonial até hoje:

De accordo com a autorisação dessa Inspectoria, em officio sob n.25 do dia 18 de abril próximo passado, dei começo no dia 23 do referido mez, ao serviço da adaptação da ex-Chacara “dr. Penna”, para o assentamento dos machanismos por mim adquiridos na Europa, por conta do governo do Estado, os quaes estão relativamente adeantados.¹⁵

Amilcar Savassi necessitou solicitar dinheiro e favores às diversas esferas públicas para a realização deste projeto, ainda que recebesse apoio, pois era necessário mais que isso. Em um pedido de expensas para a realização da Indústria em carta de 09 de novembro de 1907, publicada no referido jornal, Amilcar solicita “Autorisação ao Poder Executivo para despender, no exercício de 1908, em favor da industria serica, a quantia de 70:000\$000 (...)”,¹⁶ além de incentivo fiscal para o transporte que

De acordo com o disposto na ordem de serviço sob n. 1744 de 4 de Março de 1904, da directoria da Estrada de Ferro Central do Brasil serão despachadas GRATUITAMENTE as mudas de amoreira em qualquer e para qualquer estação da referida Via-ferrea.¹⁷

Recorrendo a mais este mecanismo para execução deste projeto sérico, a fábrica estava já montada e em atividade por volta de 1908. Amostras do tecido produzido eram enviadas às feiras, concursos e também pessoas reconhecidas socialmente: “O Sr. Ministro da viação recebeu ha dias, acompanhando alguns officios, varias amostras de seda fabricadas na colonia Rodrigo Silva”¹⁸, ainda em 1907, antes mesmo de alguns decretos acerca do incentivo à produção sérica serem estabelecidos no país.

¹⁴ *O Sericicultor*, Ano I, N.4, 1906. P.1.

¹⁵ *O Sericicultor*, Ano I, N.21, 1907. P.3.

¹⁶ *O Sericicultor*, Ano I, N.22, 1907. P.2.

¹⁷ *O Sericicultor*, Ano II (2ª fase), N.25, 1909. P.2.

¹⁸ *O Sericicultor*, Ano I, N.28, 1907. P.1.

Em 1910, já com relativo sucesso, a sericicultura ganhou mais benefícios.

Pelo exmo. Sr. Dr. Rodolpho Miranda, laborioso Ministro da Agricultura, Industria e Comercio foi remetido, em data de 23 de fevereiro, ao seu illustre collega da Fazenda o seguinte officio:

“Sr. Ministro da Fazenda:

Tendo o Sr. Amílcar Savassi, director da fabrica de Fiação e Tecelagem de Seda da Colonia Rodrigo Silva, em Barbacena, no Estado de Minas Geraes, provado, na concorrência havida neste ministerio, em dezembro proximo passado, ter a sua fabrica preenchido as condições a que se refere o art. 16, n. I, letra d da lei n. 2050, de 31 de dezembro de 1908 19, rogo-vos digneis de ordenar que no Tesouro Nacional lhe seja pago o premio de 22:500\$000.”²⁰

Assim, essa trajetória se consolidou com o Decreto Nº 9.662, de 10 de julho de 1912, quando a Estação Sericícola de Barbacena é criada pelo Ministério da Agricultura, o qual controla suas atividades, tratando-se, portanto, de um órgão oficial que, além do beneficiamento da seda, fazia a propaganda sérica em todo o Brasil.

Foi criada na condição de estação experimental, como outras congêneres, de outros setores, como o da cana de açúcar e do algodão, constituindo-se de uma das primeiras tentativas do Ministério da Agricultura em desenvolver, de forma sistemática, a pesquisa agropecuária no começo do século XX. (RIBEIRO, 2012:224)

[...] Primeira repartição oficial especializada, a Fazenda Regional de Criação de Barbacena tem a seu crédito o fato de haver sido a pioneira da sericicultura no Brasil, pois efetivamente aqui se plantou em definitivo a semente que haveria de germinar e difundir-se para outros estados (São Paulo, Paraíba, Amazonas, Espírito Santo, Santa Catarina, Pará, etc.). (DOSSIÊ, 2004)

A Estação distribuiu gratuitamente mudas de amoreira, óvulos selecionados do bicho-da-seda e instruções práticas sobre a cultura da amoreira e a criação do sirgo. Amílcar Savassi foi nomeado diretor da Estação em 7 de agosto de 1912.

“De 1912 a 1915, 357.860 mudas de amoreira e 16.875 gramas de óvulos do bicho-da-seda foram distribuídos pela referida estação. ” (RIBEIRO, 2012:169)

¹⁹ Lê-se deste artigo: “Fica o Presidente da Republica autorizado: I – A despende: (...) 45:000\$, repartidamente, como premio ás duas primeiras fabricas que, dispondo de machinismos modernos, empregarem na tecelagem fios de casulos produzidos no paiz; ”, sendo a segunda a receber a metade do valor a que se encontra em Bento Gonçalves (RS).

²⁰ *O Sericultor*, Ano II (2ª fase), N.52, 1910. P.2.

Dispondo de uma área de 236.696 m² para suas culturas, nos intervalos das alas de amoreiras eram plantadas outras árvores frutíferas para o aproveitamento inteligente do terreno, acompanhando assim o desenvolvimento agrícola da Colônia Rodrigo Silva que abastecia com gêneros agrícolas a cidade de Barbacena.

Em 1915, a infraestrutura da Estação permitia a fabricação de vestidos de seda, coletes, echarpes e meias. Os principais prédios da fábrica, que permanecem erguidos, eram destinados à Sessão Experimental, Escola de Sericicultura, a Secretaria e o Departamento de Fiação e Tecelagem.

1.2 A cultura da seda

A subseção apresenta uma breve exposição sobre a sericicultura como prática ao longo da história, além de descrever e apresentar registros fotográficos do processo de fabricação na estação Sericícola de Barbacena.

A sericicultura foi desenvolvida há milhares de anos e não se sabe ao certo sua origem.

Apesar do inseto *Bombyx mori* ser de origem indiana, a versão mais aceita é que essa cultura teve início na China, por volta de 2.500 a.C. O fato é que os chineses tiveram por muitos séculos o privilégio da sericicultura. Em 462 d.C. a técnica foi apoderada pelo Japão e depois pela Pérsia (...). (RIBEIRO, 2012:191)

Manteve-se por muito tempo em segredo os detalhes dessa produção,

até que por volta de 500-501 d.C., o imperador bizantino Justiniano, interessado em acabar com a exploração em torno do comércio da seda, prometeu a dois monges do Monte Atos²¹ boa recompensa se dali trouxessem os seus óvulos, sendo a Grécia, portanto, o primeiro país da Europa a conhecer essa cultura. Depois, foi sendo conhecida na Ásia Menor, especialmente na Sicília, Itália, Península Ibérica e França. (RIBEIRO, 2012:191,192)

²¹ A República de Monte Atos (em grego, “Montanha Santa”) mesmo pertencendo formalmente ao território da Grécia, mantém uma espécie de governador, uma entidade teocrática independente. Está situado na península da Calcídica, a 100 quilômetros a sudeste da cidade de Tessalônica e é habitado por cerca de 1500 monges ortodoxos distribuídos em 20 mosteiros principais.

Em meados do século XIX, essa cultura ganhou força na Itália e, em seguida, na França, que em 1953, tiveram suas produções registradas em torno de 50 milhões e 26 milhões de quilos de casulos, respectivamente.

O Brasil veio a conhecer a sericicultura²² na mesma época. D. João VI importou algumas amoreiras, que fez plantar no Jardim Botânico, vindo alguns exemplares para Minas Gerais no tempo de D. Maria I. Mas, quando D. Pedro II foi imperador é que a indústria sérica tomou vulto no país, já que o monarca era o principal acionista da Imperial Companhia Seropédica Fluminense. (RIBEIRO, 2012:191,193)

Em 1906, foram apresentadas à Câmara Federal, pelo deputado José Bonifácio de Andrada e Silva, várias medidas que deram lugar à lei 2.050 de 31 de dezembro de 1908, tornando extensivos ao ano de 1909, os “favores²³ à sericicultura nacional, consignados nas instruções que baixaram o decreto 6.519 de 13 de junho de 1907 e que tiveram caráter anual.” (Imprensa Nacional, 1909:108,113)

Aos que optaram por desenvolver a cultura da seda, a tarefa inicial era a de plantar amoreiras, cujas folhas dessa árvore são o alimento para a criação do bicho-da-seda.

No Brasil, convencionou-se, o fornecimento de estacas, aos agricultores que se dispunham a esta cultura, produzidas e entregues pelas estações de cultura sérica.

A Estação Sericícola de Barbacena fabricava e fornecia essas estacas, realizando inclusive o serviço de orientação e acompanhamento do plantio por parte do agricultor que optava em receber e acompanhar o trabalho técnico dos sericultores desta Estação. (SAVASSI, 1931:43)

O Sericultor, em número de 1906, registrou que em “(...) cerca de cinco mezes, a distribuição de mudas de amoreira foi de 38.600 (...).”²⁴

A distribuição de casulos também era parte da empreitada para a consolidação da indústria sérica no Brasil, e os cuidados para o com bicho eram publicados no jornal *O Sericultor*. Foi necessário muito estudo e observação para disseminação dessa prática.

²² A criação comercial do bicho-da-seda é chamada de Sericicultura. A atividade inclui desde a obtenção dos ovos, que irão originar as lagartas, a sua criação e o cultivo da amoreira, cujas folhas irão alimentar as lagartas até a obtenção dos casulos verdes.

²³ Tais favores consistiam em prêmios aos sericultores que apresentassem casulos de produção nacional.

²⁴ *O Sericultor*, Ano I, N.17, 1906. P.3.

“O período larval é dividido em cinco idades, embora algumas raças apresentem apenas quatro idades distintas, realizando mudas de pele. ” (RIBEIRO, 2012:204) O ciclo completo da fase larval dura cerca de 30 dias, quando o bicho passa ao estado denominado crisálida: período de transição entre a larva e a borboleta. Este é um momento de crise para o inseto, sendo necessário que se realize sem qualquer perturbação.

O Estado de vida da crisálida exige a perfeita construção do invólucro sérico, que a larva desenvolve com absoluta perfeição. A finalidade natural do casulo é esta, entretanto, era justamente o aproveitamento industrial do fio da seda, o fio que a larva cria para formar o casulo, que o homem utilizava e ainda utiliza atualmente, o que importa no sacrifício da crisálida, obtendo-se este fio pelos processos práticos e racionais de fiação. (SAVASSI, 1931:137).

O casulo é formado por três revestimentos diferentes: a borra, o fio da seda obtido pela fiação e o véu sutil que o reveste internamente. (...) O fio da seda ou como era chamado também de baba se compõe de outros dois fios, proveniente das duas glândulas sarígenas, uma à esquerda e outra à direita do tubo digestivo do bicho, que se unem num único tubo excretor, onde esses fios, ainda em estado meio líquido se soldam a saem pela fieira do sirgo, como um só fio. O fio de seda se forma de outras substâncias principais que à época eram somente denominadas fibroína e sericina.²⁵ (RIBEIRO, 2012:208)

É perceptível que a produção do fio da seda deveria acompanhar e respeitar o ciclo natural do bicho-da-seda, bem como intervenções humanas quanto à luminosidade, temperatura, umidade dos locais de criação. Era indispensável ao criador possuir esses conhecimentos. “No Brasil, a missão do criador se restringia de fato à conservação do grau de calor no início da incubação necessária ao nascimento do bicho que variava a 22-23° C.” (RIBEIRO, 2012:209) A cidade de Barbacena possui invernos rigorosos, com temperaturas abaixo dos 10° C., e verões quentes, com temperaturas acima dos 25° C., sendo, portanto, um desafio aos produtores do bicho.

Depois de selecionados, os casulos eram destinados ao processo industrial: primeiro, desenrolar os fios e, depois, transformá-los em tecido. Máquinas para o

²⁵ O casulo do *Bombyx mori* é constituído principalmente de três componentes proteicos: a fibroína, a sericina e a P25. A fibroína é o principal componente do fio da seda, e a sericina é uma proteína que possui propriedades adesivas, fundamental para manter as fibras da fibroína unidas. A P25 é uma glicoproteína que tem um papel importante na manutenção da integridade do fio da seda. Fonte: <http://www.dbc.uem.br/laboratorios/Bombyx.htm>. Acesso em 02/10/2018.

preparo do fio de seda e tecelagem eram necessárias para o cumprimento das etapas posteriores.

As fotografias a seguir foram feitas no Museu Municipal de Barbacena, que possui um pequeno acervo da Estação Sericícola. Uma pequena amostra do maquinário utilizado na fábrica que colabora com a compreensão das etapas do processo de fabricação da seda.

Imagem 1: Casulos da Estação Sericícola de Barbacena



Descrição: Casulos prontos para beneficiamento. Cada casulo tem três camadas de seda e fornece até 1.000 metros de fio. Quanto mais branco maior o seu valor. Sem Data. Acervo Museu Municipal.

Foto: Dayanne Busato Romano. Em 19/10/2018.

Os casulos eram desenrolados e tingidos, quando coloridos, seguindo o caminho dos carretéis e, posteriormente, dos teares.

Imagem 2: Máquina de envolver e torcer meadas de seda



Descrição: Do início do século XX, do acervo de Blanche Amaral Pereira e Carlos Pereira, que se encontra no Museu Municipal.

Foto: Dayanne Busato Romano. Em 19/10/2018.

O resultado das meadas saídas da máquina acima pode ser experimentado na imagem a seguir. Para os carretéis, havia uma espécie de medidor de fios que calculava sua metragem na medida em que envolvia o fio no carretel.

Imagem 3: Bacia de cobre com meadas/carretéis de fios de seda prontos para virar tecido



Descrição: Do início de século XX, do acervo de Blanche Amaral Pereira e Carlos Pereira.
Foto: Dayanne Busato Romano. Em 19/10/2018.

A seda é uma proteína que possui uma cor natural entre o creme e o branco, resultante do fio do casulo, podendo chegar a 1000 metros. Estas propriedades naturais da seda levaram ao seu processo de industrialização no início do século XX, quando surgiram aperfeiçoamento de técnicas para ser tecida ou enlaçada e tingida antes ou depois da tecelagem.²⁶

A costura ficava, geralmente, a serviço das mulheres²⁷: corpo de operárias que se utilizavam de máquinas manuais até a primeira metade dos anos 1960, quando muitas foram substituídas por equipamentos elétricos.

²⁶ Os teares da Estação utilizados para o fabrico do tecido foram à leilão quando a fábrica foi fechada. Nenhuma peça do tipo foi encontrada, nem no Museu Municipal de Barbacena, nem mesmo na Estação Sericícola.

²⁷ Em visita à Estação Sericícola em abril de 2018, a integrante do Ponto de Partida, “Loló”, disse, com base em fotografias que tinha às mãos, que “Uma coisa muito importante nessa época: foi a primeira fábrica que admitiu mulheres trabalhando. Naquela época as mulheres não podiam trabalhar (...). Então, elas foram pioneiras também para implantar o trabalho feminino no Brasil.”

Imagem 4: Aparelho para medir metragem de carretéis



Descrição: Do início do século XX, do acervo de Blanche Amaral Pereira e Carlos Pereira.
Foto: Dayanne Busato Romano. Em 19/10/2018.

Imagem 5: Máquina utilizada para o fabrico de roupas de seda



Descrição: Da primeira metade do século XX, pertencentes à Estação Sericícola.
Fotos: Dayanne Busato Romano. Em 19/10/2018.

Imagem 6: Máquina utilizada para o fabrico de roupas de seda



* Da primeira metade do século XX, pertencentes à Estação Sericícola.
Fotos: Dayanne Busato Romano. Em 19/10/2018.

As amostras de seda eram frequentemente utilizadas em exposições e a produção geral da fábrica seguia diversos caminhos: do comércio local ao nacional. Mas sua principal função institucional era a de disseminar a cultura da seda no país.

A maior parte dos registros das atividades realizadas pela fábrica durante seu funcionamento não existem mais. Sua maquinaria, toda importada, foi leiloada e grande parte de seus arquivos foi queimado! (SAVASSI, 1991:210). Em publicação do IBGE (Instituto Brasileiro de geografia e Estatística) de 1969, constituíram o parque têxtil do município as seguintes empresas: Companhia Têxtil Ferreira Guimarães, Fiação e Tecelagem São José S.A., Tecelagem Franco-Mineira Brut Ltda., Malharia Cruzeiro Ltda., e Fazenda Regional de Criação (antiga Inspetoria Regional de Sericicultura, Estação Sericícola). (MASSENA, 1985:384)

1.3 O desfecho fabril

Nenhuma das fábricas citadas está ativa, bem como seu patrimônio também não se encontra em conservação, com exceção da antiga Inspetoria Regional de Sericicultura, que não funciona como fábrica mas abriga diversas instituições em suas instalações. Os poucos objetos que restaram da antiga fábrica se encontram expostos no Museu Municipal. O encerramento das atividades fabris da Estação Sericícola ocorreu em 1973 devido à concorrência do mercado nacional, principal consumidor da seda produzida na Estação, com a seda sintética, vinda da China. Em livro de Altair José Savassi, de 1991, foram registradas a ocupação dos prédios após o fechamento da fábrica.

A título de esclarecimento, informamos que, na antiga “Sericícola” onde era a “Seção Experimental”, hoje está a Representação Regional do Ministério da Agricultura. Onde era a Escola de Sericicultura, está entregue à Prefeitura Municipal; onde era a sementeira – encontra-se o Serviço de Merenda Escolar; onde era a Secretaria, está instalada a Secretaria da Agricultura e Municipalidade e o INCRA (...) e onde era o Departamento de fiação e tecelagem, está instalado o Centro Regional de Saúde. (SAVASSI, 1991: 210)

Ao longo dos anos 1990, os prédios foram sendo desocupados pelo Serviço de Merenda Escolar, a Secretaria da Agricultura e Municipalidade e o INCRA, ficando em situação de abandono até a apropriação do local pelo grupo Ponto de Partida, em 1998.

A integrante do grupo, Lóló, contou em depoimento que:

(...) em 1998 o grupo Ponto de Partida era um grupo que existe há 38 anos, então, em 1998 a gente começou a, exatamente, reformar esta casa. Quando nós entramos aqui, estava tudo caído, destruído, então nós começamos a.... A gente olhava para esse chão e a gente não sabia o quê que tinha aqui. Aí nós começamos a limpar, limpar, mudar a fiação, restaurar janelas, restaurar tudo, e aqui aconteceu a Casa de Arte e Ofício do Ponto de Partida. Aqui vinha várias pessoas, vários artistas, Fernanda Montenegro, Milton Nascimento, “Dori” Caime, Gilvan de Oliveira, mais muitos artistas. E era uma efervescência porque começava a movimentar. Era gente que ia, gente que vinha, né, e fazia oficinas, a gente fundou a casa de Arte e Ofício, né, e a gente chamou vários jovens para participar. Eles fizeram oficinas, então era aquele movimento maravilhoso com o Ponto de Partida. 28

28 Depoimento dado por Eloísa Mendes, membro do Grupo Ponto de Partida, no dia 26 de abril de 2018, para um grupo de estudantes da última série do Ensino Fundamental do Instituto Madre Mazarello – Salesianas de Barbacena.

Com o apoio da comunidade, da Cemig, da Copasa e da Prefeitura Municipal de Barbacena, o grupo Ponto de Partida teve força e incentivo para revitalizar o local, recuperando os prédios e dando utilidade pública ao espaço. A exemplo, as antigas fontes que hoje embelezam o jardim foi uma obra de revitalização realizada pela Copasa, e o projeto de iluminação feito pela Cemig.

O projeto de restauração dos edifícios foi conduzido pelos arquitetos Alexandre Rousset, Luciana Araújo e Tereza Bruzzi. Para a reforma do jardim, o projeto paisagístico foi realizado de forma coletiva, como contou a integrante do grupo, Lóló:

Sabe o quê que nós fizemos? Fizemos um jardim-escola. Sabe quem veio reformar isso tudo aqui? Inhotim! Inhotim. Aí o quê que nós fizemos? Vamos reformar o jardim, mas vamos fazer um jardim-escola. Então a gente abriu inscrição para paisagistas, biólogos, todo mundo que gosta e mexe com a natureza, né? Se inscreveram e eles iam estudando, aprendendo a plantar, aprendendo a podar, aprendendo a colher e ao mesmo tempo eles iam plantando e fazendo o jardim.²⁹

O tombamento da Estação Sericícola foi estabelecido por Decreto municipal, nº 5.222 de 05 de abril de 2004, que trata de todo o seu conjunto arquitetônico e paisagístico. A descrição do conjunto arquitetônico consta no processo de tombamento municipal.

Com uma tipologia Colonial Germânica as edificações do conjunto arquitetônico (...) encontram-se na periferia da cidade (...). O partido construtivo das edificações desenvolve-se diferentemente em cada edificação sendo três deles com dois pavimentos e um quarto com um único pavimento, porém de maior extensão. Todos em formato retangular (...). Apresentam fachada ritmada, cada prédio com uma particularidade nos detalhes mantendo uma simetria a partir da porta principal e elevação no plano frontal central nas edificações com duplo pavimento. (BARBACENA, 2004:16)

Nas imagens abaixo estão registrados os prédios da Estação Sericícola hoje. Foram conservados os modelos originais após o projeto de recuperação do local.

²⁹ Idem.

Imagem 7: Estação Sericícola de Barbacena nos dias atuais

Descrição: A primeira casa, onde se encontra instalada a Representação Regional do Ministério da Agricultura.

Foto: Dayanne Busato Romano. Em 11/06/2018.

Imagem 8: Estação Sericícola de Barbacena nos dias atuais



Descrição: A segunda casa, local denominado Casa do Teatro, onde acontecem espetáculos teatrais e musicais, comportando a Casa de Arte e Ofício do grupo teatral Ponto de Partida, de onde saem as ideias, figurino e peças teatrais.

Foto: Dayanne Busato Romano. Em 11/06/2018.

Imagem 9: Estação Sericícola de Barbacena nos dias atuais

Descrição: A terceira casa, onde há uma biblioteca chamada Casa da Palavra, na qual os leitores podem não apenas tomar por empréstimo mas trocar livros. Na parte superior existe um teatro, usado para ensaios e pequenas apresentações.

Foto: Dayanne Busato Romano. Em 11/06/2018.

Imagem 10: Estação Sericícola de Barbacena nos dias atuais

Descrição: A quarta e última casa, onde funciona uma cafeteria aberta ao público diariamente na parte superior. Na parte inferior, um pequeno núcleo administrativo do grupo Ponto de Partida. Foto: Dayanne Busato Romano. Em 11/06/2018.

A partir do exposto, as perguntas que norteiam o capítulo II deste trabalho são: como se apropriar dessa narrativa histórica e desse conjunto arquitetônico, para transformá-los em conhecimento ensinável? Como utilizar as ideias provenientes do conceito de cidade educadora para a produção de conhecimento histórico? De que formas o conhecimento do local selecionado e sua história podem colaborar com a construção da identidade local? Como explorar a cidade de uma maneira que seu produto venha a ser o exercício da cidadania? O trabalho do professor é desenvolver mecanismos de aprendizagem, ou seja, como fazer o estudante aprender. O capítulo seguinte aponta um percurso do ensinar em uma aula de campo, com os fins propostos nas questões acima.

CAPÍTULO 2. ESTAÇÃO SERICÍCOLA, ENSINO DE HISTÓRIA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE LOCAL COM VISTAS À CIDADANIA

2.1 A cidade como instrumento de aprendizagem: aula de campo e transposição didática

Muitas iniciativas põem em questão as potencialidades educativas da cidade e de seus agentes. Espaços não formais de educação são cada vez mais utilizados por educadores e agentes sociais, em especial após relatório publicado pela Unesco em 1973 que tem a ideia de cidade educadora como uma

(...) prospecção da educação para os últimos anos do século XX (...) e que visa à ampliação e o reforço da sociedade capitalista pela via de se delegar a sociedade civil a responsabilidade de implementar e executar políticas sociais. (SGARBI; CHISTÉ, 2015: p.1-2).

Mas, o que é uma cidade educadora? De acordo com o Portal Cidades Educadoras do Brasil³⁰,

Uma Cidade Educadora é aquela que, para além de suas funções tradicionais, reconhece, promove e exerce um papel educador na vida dos sujeitos, assumindo como desafio permanente a formação integral de seus habitantes. Na Cidade Educadora, as diferentes políticas, espaços, tempos e atores são compreendidos como agentes pedagógicos, capazes de apoiar o desenvolvimento de todo potencial humano.

Ou seja, é um conceito que estabelece um compromisso das cidades em serem mais inclusivas, mais justas e mais participativas, em especial para as crianças e jovens, público alvo do projeto.

Um dos problemas relativos a este conceito é compreender a cidade apenas como lócus da sociedade capitalista, pois, desse modo, ela acaba se tornando uma mercadoria. Como afirma Antônio A. Arantes, os discursos em torno da identidade local são construídos também como um apelo à preservação do patrimônio histórico edificado, que é muitas vezes recuperado como cenário local a ser desfrutado pelos consumidores de lugares (BOTELHO, 2005: p.56). Por ser necessário pensar outros modos de consumir a cidade sem danificá-la, sem torna-la apenas mercadoria com vistas à exploração para o lucro, a educação pode pensá-la enquanto objeto de

³⁰ <cidadeseducadoras.org.br>. Acesso em 12/07/2018, às 15:28.

contemplação, como instrumento de aprendizado e conservação, transformação e lazer, por exemplo.

A história da Estação Sericícola de Barbacena, narrada brevemente no capítulo I, alinha-se ao conceito de cidade educadora à medida em que se torna, junto a sua história, um veículo e uma fonte de aprendizagem, um instrumento. Veículo, por que leva a outros lugares da cidade onde sua história se conecta, como o Museu Municipal, que possui uma sala de exposição de um pequeno acervo da Estação Sericícola; a Estação Férrea de Barbacena, de onde saíam e chegavam produtos primários e beneficiados da antiga fábrica; ao Arquivo Municipal, localizado na Casa da Cultura, onde estão resguardados grande parte das edições do jornal O Sericultor; e a Praça Conde Prados, conhecida como Praça do Globo devido ao simbolismo futurístico inaugurado em meados de 1960, marcando o início da decadência da Estação Sérica. E fonte, porque o conhecimento da história local funciona como um microcosmo dentro das Histórias de âmbito nacional e global, bem como configura-se como uma das ferramentas indispensáveis na construção da identidade dos alunos. Portanto, o local é um instrumento para a educação, em especial para o ensino de história que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de História, “conduzem aos estudos dos diferentes modos de viver no presente e em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço” (BRASIL, 1997: 40).

O historiador italiano Ivo Mattozzi aponta que “histórias locais permitem a investigação da região ou dos lugares onde os alunos vivem” (MATTOZZI, 1998:40). De acordo com o Portal da Educação do Governo do Estado do Paraná, alguns caminhos para o estudo das histórias locais estão dispostos abaixo:

- a importância da dimensão local na construção do conhecimento do passado e que há fenômenos que devem ser analisados em uma pequena escala;
- a relação entre os fatos de dimensão local e os de dimensão nacional, continental ou mundial;
- o estudo e a compreensão das histórias locais do outro (como as histórias dos indígenas, dos latino-americanos, dos africanos e dos povos do Oriente);
- o respeito pelo patrimônio que testemunha o passado local;
- os termos das questões relativas à administração e gestão do território em que vivem;
- a função e o valor histórico-social das instituições incumbidas da conservação do patrimônio e do estudo do passado;

– a utilização e divulgação pública de narrativas históricas das histórias locais. (PARANÁ, 2008, p. 71).

Tais instruções apontam um caminho para desenvolver junto à história da fábrica, um percurso pela cidade de Barbacena.

O ponto de partida é a Estação Sericícola, cuja visita é imprescindível para o início da materialização do aprendizado e da formação da identidade na contemporaneidade. Vale ressaltar que essa viagem teve início junto a história do século XX, que veio sendo ensaiada no último quartel do século XIX, a História Contemporânea, tratando-se, portanto, de um tempo que culminou no presente. Dentro de uma perspectiva crítica e emancipatória, “a educação é entendida como uma atividade na qual educadores e educandos, mediatizados pela realidade, aprendem e extraem dela o conteúdo da aprendizagem” (CHISTÉ; SGARBI, 2015:3). Por este motivo, o recorte temporal da história da antiga fábrica explorado no capítulo 1 e a própria estrutura foram selecionados para o trabalho: fazem parte do presente e estão nas raízes e nas memórias das pessoas que aqui vivem.

Os estudantes estão deslocados deste tempo, porém, Diego Velasco atribui ao conhecimento histórico escolar o diálogo permanente com a realidade do aluno e aponta uma vinculação bastante estreita entre a história escolar e o conceito de cidadania, demarcando aquela como uma ferramenta importante na formação de cidadãos críticos e conscientes. “O ensino de história tem a finalidade óbvia de fazer o aluno realizar a experiência de ir para fora de seu tempo” (VELASCO, 2014:151) e, posteriormente, retornar a este com uma nova compreensão do tempo, transformado. É essa transformação que o torna cidadão apto a modificar a sua própria realidade, pois compreende a passagem do tempo e as possibilidades de mudança que ele proporciona.

O aprendizado acontece por meio da visita ao local escolhido e a transposição didática dos saberes de referência para o saber ensinado. De acordo com Yves Chevallard, “um conteúdo do saber que foi designado como saber a ensinar sofre a partir daí um conjunto de transformações adaptativas que vão torná-lo apto para ocupar um lugar entre os objetos de ensino.” (CHEVALLARD, 2001:20). O professor quem irá transformar os conteúdos curriculares em conteúdos de ensino, de acordo com a realidade escolar dos alunos. Trata-se, portanto, do trabalho de transformação de um objeto de saber a ensinar em objeto de ensino.

Essa realidade é vivenciada e aprendida nesta proposta de aula de campo na Estação Sericícola, tendo início com a observação da localização da fábrica, no Bairro

do Campo, nos limites entre este e a Colônia Rodrigo Silva, pertencentes a Barbacena. É necessário explicar para a turma a trajetória da colonização da região, lembrando que a colônia recebeu um grande número de italianos, e que um deles, Amílcar Savassi, liderou este projeto de colonização, empreitada feita em parceria com o Ministério da Agricultura e com o Estado de Minas Gerais, fornecendo sementes e as facilidades para ocupar um terreno, por exemplo.

Neste ponto da aula, este contexto deve ser utilizado como provocação para que os estudantes pensem em suas linhagens familiares, suas raízes, seus antepassados, na intenção de fazê-los despertar para o fato de que descendem de outros povos, cujas heranças não são apenas sanguíneas, mas culturais. A própria produção da seda, por exemplo, desde meados do século XIX era uma atividade realizada na Itália, bem como as máquinas pertencentes à antiga fábrica também de lá vieram. Portanto, a presença desse grupo de imigrantes na região foi fundamental para o desenvolvimento dessa atividade e imprescindível para a compreensão da formação cultural, econômica e social de Barbacena.

Ainda sobre a criação da colônia e da fábrica, vale questionar os alunos sobre como o subsídio chegava até os colonos, tentando obter uma resposta que os leve até a Estação Ferroviária. Como apresentado no capítulo 1, a pedido de Amílcar Savassi, na Estrada de Ferro Oeste de Minas (parte da linha Central Do Brasil) mudas de amoreira, por exemplo, eram expedidas gratuitamente, incentivando assim a agricultura e, conseqüentemente, a cultura da seda na região. A ligação da fábrica com a Estrada de Ferro é marcada pela criação da Estação de Barbacena, em 1923. Antes disso, o município vizinho, Antônio Carlos, era a estação mais próxima. Pode-se perceber que o crescimento industrial da região de Barbacena impulsionou a extensão da malha ferroviária, pois

Ao chegar a Barbacena no ano de 1868, Richard F. Burton anotou sobre sua estada no Registro Velho:

“Há aqui uma fábrica de cigarros famosa de Minas ao Rio. Todos os operários, homens e mulheres, ficam em duas salas e há um cortador para meia dúzia de enroladores. (...)”

Em publicação oficial da Secretaria do Interior do Estado de Minas Gerais, de 1917, Pelicano Frade indicou, referindo-se a Barbacena, como suas principais indústrias – tecidos, produtos cerâmicos, cerveja e bebidas artificiais, carnes preparadas, doces secos e em calda, produtos químicos e farmacêuticos, massas alimentícias, fumos e seus preparados, laticínios.” (RIBEIRO, 2012:376,378).

Nota-se que entre 1868 e 1917 houve crescimento industrial na cidade e diversificação da produção de bens para o consumo. Tal demanda pode ter permitido e colaborado com a extensão da malha ferroviária e fundação da Estação de Barbacena em 1923. Esta torna-se, assim, um segundo ponto de parada no mapa da cidade com vistas a este circuito de aprendizagem da história contemporânea local, tornando-se uma possibilidade nova e em aberto para uma segunda aula de campo.

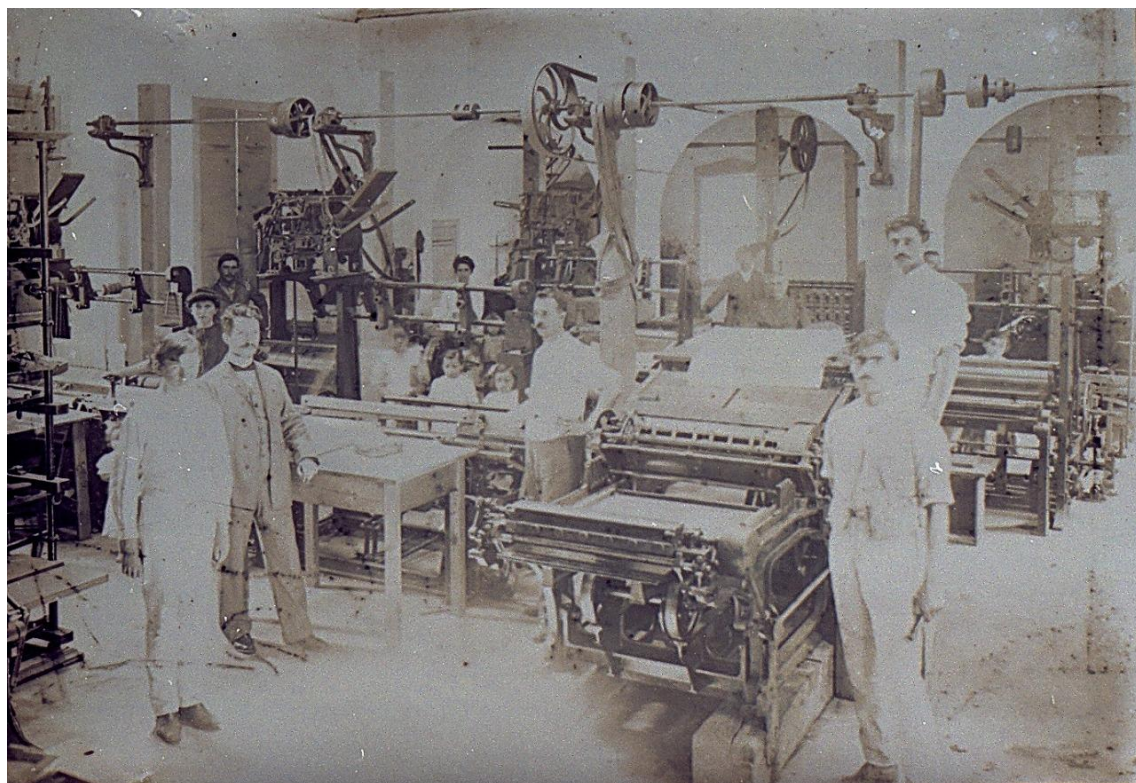
Abaixo estão algumas fotografias tiradas na fábrica na época de seu funcionamento, nas quais se pode visualizar o maquinário pertencente à Estação.

Imagem 11: Fábrica na Estação Sericícola



Descrição: Sem data. Autoria desconhecida. Fotografia. Acervo do Ponto de Partida

Imagem 12: Fábrica na Estação Sericícola



Descrição: Sem data. Autoria desconhecida. Fotografia. Acervo do Ponto de Partida

Imagem 13: Fábrica na Estação Sericícola

Descrição: Sem data. Autoria desconhecida. Fotografia. Acervo do Ponto de Partida

Não foram encontrados registros sobre como o maquinário pertencente à estação sérica chegou ao local (se o transporte das mesmas foi feito por via férrea ou por via rodoviária após aportarem no Brasil), mas uma pequena mostra deste material pode ser encontrada no Museu Municipal, local sugerido para uma terceira aula de campo.

É importante adentrar nesta parte da história em que narra os esforços de Amílcar Savassi junto ao Ministério da Agricultura para a criação da Estação Sericícola porque todo o maquinário precisou ser adquirido na Europa, fator que infere a informação de que o Brasil carecia de indústrias de base, que produzissem equipamentos e máquinas para atender às demais indústrias, bem como que, neste período, a maior parte das indústrias brasileiras eram de bens de consumo, como relatado no trecho do livro de Silvério Ribeiro anteriormente citado. Vale mencionar também os regimentos oficiais emitidos pelos governos estadual e federal acerca da colonização e, posteriormente, implementação da fábrica, como a instalação da Colônia Rodrigo Silva em 1888 pelo Governo Imperial, cedida ao Estado de Minas Gerais em

1890, e os Decretos de número 9.671 e 9.672 de 10 de julho de 1912 que criaram a estação sérica em Barbacena.

Parte do maquinário exposto no capítulo I, pertencente ao acervo do Museu Municipal, pode colaborar com a materialização desse aprendizado quando visitado e visualizado pelos estudantes. Portanto, fica aberta a possibilidade da inclusão deste local em um projeto significativo de aula de campo.

Sobre a disseminação da cultura da seda, é necessário expor aos estudantes a condição de Estação Experimental que a fábrica obteve junto ao decreto de sua criação, o que significa que uma das funções deste projeto institucional era, exatamente, propagar os conhecimentos acerca da cultura da seda e incentivá-la, desde o cultivo de amoreira à criação do bicho-da-seda. Tais instruções foram ministradas periodicamente por meio do jornal *O Sericicultor*, fonte desta pesquisa. Um quarto ponto da cidade, portanto, merece ser visitado e explorado: o Arquivo Municipal. Em contato com este tipo de fonte, os estudantes se “alimentam” daquilo que foi “oferecido no cardápio”. Nas palavras de Durval M. de A. Júnior, “educar, assim como alimentar, implica em escolhas do que oferecer e de como apresentar o escolhido” (ALBUQUERQUE JR., 2016:23). As fontes mencionadas funcionam como um catálogo, cujos fascículos saem a cada edição: o “passo a passo” da cultura da seda. E já na visita à antiga fábrica, ao ter apresentada sua história em um projetor de imagens (por meio de demonstração em “Datashow”), fotografias da época de seu funcionamento são exibidas, permitindo a visualização da escola sérica presente na instalação.

Imagem 14: Escola Sérica em Funcionamento



Descrição: Sem data. Autoria desconhecida. Fotografia. Acervo do Ponto de Partida

Algumas das imagens transmitidas aos estudantes pelo Grupo Ponto de Partida (que recebe os visitantes no local hoje) mostram os casulos do bicho-da-seda armazenados e/ou prontos para serem transformados. O interesse dos estudantes pode ser despertado pelo professor ao chamar atenção para o modo de produzir a seda. As etapas do processo de produção, da criação do bicho-da-seda até seu produto final, se encaixam na definição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que define como patrimônio imaterial

[A]s práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.³¹

O IPHAN trata o patrimônio imaterial como sendo

³¹ A informação consta no site do IPHAN, na página sobre Patrimônio Imaterial: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em 01/01/2018, às 16:40h.

[O]s bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).³²

Portanto, é parte integrante desse projeto de aula de campo educar para o patrimônio, no sentido de chamar atenção do estudante no que se refere ao patrimônio cultural: material e imaterial, atentando não apenas para a estrutura da fábrica na qual toda essa história acontece, mas como ela acontece, como ela se constrói por meio dos casulos, fios, tecidos e das mãos que operaram esta indústria. Esse “modo de fazer” pode vir a integrar um conjunto de valores e símbolos do desenvolvimento de Barbacena se utilizadas as noções acerca do legado deixado à História Local pelos imigrantes italianos.

Amostras do material utilizado para a produção dos tecidos de seda, como casulos, fios, máquinas de costura, etc., também são parte do acervo do Museu Municipal, sendo, portanto, ponto de destaque para a exploração do espaço quanto ao seu potencial educativo, com vistas à materialização da história e do desenvolvimento de uma consciência patrimonial.

O desfecho da história da Estação Sérica foi um longo período de realização dessas atividades (de produção da seda e disseminação da sua cultura), até sua derrocada em 1973. Fica à critério do professor incluir neste contexto mais um local a ser explorado em aula de campo: a Praça Conde Prados, também conhecida como Praça do Globo, devido à um globo de vidro suspenso em uma coluna que ornamenta o local. É necessário articular o monumento ao contexto de construção e transformação da praça.

A Praça Conde de Prados foi inaugurada em 1890, com a Coluna da Liberdade, tendo ao alto a estátua do mesmo nome feita pelos escravos libertos da cidade de Barbacena. A partir de 1928, a praça, que era no mesmo nível do solo, foi suspensa e nela feito um artístico jardim, Jardim da Liberdade. Hoje a coluna não mais sustenta a estátua, mas um globo feito em vidro.³³

³² Idem.

³³ Esta informação encontra-se na página virtual denominada Apontador, bem como na página do IBGE, respectivamente: www.apontador.com.br/local/mg/barbacena/viagem_e_turismo/C40762990D0D0C0D06/praca_do_globo.html, e biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=449649&view=detalhes. Acesso em 22/11/2018, às 19:22.

A substituição da estátua pelo globo ocorreu nos anos 1967, de acordo com os registros de desaparecimento da estátua da Liberdade. “[O] livro do 9º BPM (...) relata que (...) em 1967 aquela escultura não mais estava na Praça.”³⁴

A substituição da estátua pelo globo alterou a simbologia da praça. Globo é o prefixo da palavra globalização, que, de acordo com o Dicionário Aurélio, significa:

1 - Ato ou efeito de globalizar ou globalizar-se;

2 - Fenômeno ou processo mundial de integração ou partilha de informações, de culturas e de mercados,³⁵ o que significa, nos termos dessa análise, que os produtos provenientes do exterior foram inseridos no mercado nacional, bem como o incentivo ao consumo dos mesmos por meio da propaganda, fruto dessa construção de uma cultura mundial, inclusive para o consumo.

É necessário lembrar que a decadência da fábrica coincidiu com o período chamado “milagre econômico” brasileiro, em plenos *anos de chumbo*.

O surto de crescimento da economia pode ser compreendido (...) pelos incentivos ao crescimento e a expansão do crédito, com controle de preços e recuperação industrial, especialmente nas indústrias de automóveis, de produtos químicos e elétricos e na construção civil (...). Muito desse cenário deveu-se à conjuntura internacional, na qual havia facilidades para empréstimos e investimentos, bem como para o comércio externo. (APPEL; ARAUJO; NICOLAZZI JR., 2015: 174).

Este contexto influenciou diretamente no destino de muitas empresas locais, que perderam seu espaço no mercado devido à circulação de produtos similares e de menor preço em todo o mundo. A adoção do neoliberalismo pelos países alinhados aos ideais econômicos do bloco capitalista, no período da Guerra Fria, privilegiou o comércio internacional, levando à falência empresas menores.

É preciso expor aos estudantes, portanto, as possíveis causas da falência da Estação Sérica de Barbacena: a concorrência, no mercado nacional, da seda pura com a seda sintética, feita de poliéster; e o relativo “regresso” no desenvolvimento da cidade de Barbacena (pensando, aqui, numa economia de base industrial *versus* uma economia de base agrícola, o que não implica em dizer que uma seja mais desenvolvida que

³⁴ A informação foi extraída da página virtual www.city10.com.br/borges/?p=2798.

³⁵ Significados extraídos da página virtual <https://dicionariodoaurelio.com/globalizacao>. Acesso em 25/11/18, às 11:56.

outra), que deixava de ser uma cidade com economia baseada na indústria, para ter sua arrecadação proveniente do agronegócio e prestação de serviços.

Em um artigo sobre polímeros, Roberto Filippini Fantoni expõe as diversas tentativas de se imitar o tecido de seda com outras substâncias. E que

(...) finalmente, encontrando solventes adequados para a celulose, chegaram ao “rayon”, com o qual se obtiveram soluções muito viscosas e fiáveis.

Desde a descoberta em 1901, na Inglaterra, passando para a primeira produção industrial de dez anos mais tarde, até chegar ao completo desenvolvimento dos anos ’30, o rayon tornou-se a “seda artificial” por antonomásia, pois antes da Segunda Guerra Mundial a produção mundial ficou perto de 150 t/ano. (FANTONI, 2012:3).

A produção sintética possuía um custo mais baixo do que a tradicional³⁶, resultando no preço do produto final e incentivando, assim, o consumo deste. Dessa maneira, as fábricas de produção tradicional da seda vão reduzindo suas atividades a partir da segunda metade do século XX.

Com a decadência desse ramo de atividades industriais na cidade, Barbacena viu sua economia transformada, sendo voltada para a produção agrícola, por exemplo, a cultura de rosas e flores³⁷. Os principais setores de atividades estão indicados na tabela abaixo, na região do Campo das Vertentes, que inclui o município de Barbacena³⁸:

³⁶ Em consulta ao website GJ Tecidos Exclusivos, de endereço < <https://www.gjtecidos.com.br>>, pude comparar os preços dos tecidos 100% à base de seda e 100% poliéster. À exemplo, um metro de crepe Georgete de seda custa R\$ 49,00, enquanto um metro do mesmo crepe de poliéster custa R\$ 29,00.

³⁷ Barbacena é conhecida como *Cidade Das Rosas*. De acordo com o jornal O tempo de Belo Horizonte, em publicação de 27 de outubro de 2013, “Com venda de 5 milhões de rosas e 1,5 milhões de flores no ano [de 2012], Barbacena concentra o terceiro lugar em produção [de flores] no país, de acordo com a presidente da Associação Barbacenense de Rosas e Flores (Abarflores), Sheila Loschi, baseada em levantamento do Instituto Brasileiro de Floricultura.

³⁸ A tabela integra o trabalho O Perfil Da Indústria De Laticínios Na Zona Da Mata e Campo Das Vertentes De Minas Gerais, de Alziro Vasconcelos Carneiro, Glauco Rodrigues Carvalho, Kennya Beatriz Siqueira e Marcos Cicarini Hott, publicado em Juiz de Fora, MG, em 2010.

Tabela 1: Composição do PIB por setor de atividade, Estado de Minas Gerais, por mesorregião em 2007 (%)

	Agropecuária	Indústria	Serviços	Impostos
Noroeste	32,7%	15,8%	45,5%	6,0%
Central Mineira	16,7%	26,4%	47,3%	9,6%
Jequitinhonha	15,9%	12,7%	67,0%	4,3%
Vale do Mucuri	13,5%	15,4%	64,5%	6,6%
Triângulo Mineiro	12,9%	28,1%	48,4%	10,6%
Oeste de Minas	12,1%	23,2%	54,4%	10,3%
Norte de Minas	12,0%	22,6%	56,1%	9,3%
Sul/Sudoeste de Minas	11,7%	24,9%	52,2%	11,2%
Campo das Vertentes	10,6%	23,2%	56,5%	9,7%
Zona da Mata	8,0%	20,2%	61,2%	10,6%
Vale do Rio Doce	5,6%	33,1%	49,7%	11,5%
Metropolitana de BH	0,9%	30,5%	52,4%	16,2%
Total Minas Gerais	7,0%	27,5%	52,6%	12,9%

Fonte: IBGE (2010). Elaboração: CILeite/ Embrapa Gado de Leite

Apesar do número representativo de indústrias no local, o setor de serviços, como os de administração, saúde e educação geram um PIB de mais que o dobro do gerado pela indústria, que tem como sua maior representante da região a Nogueira Rivelli Irmãos Ltda., cujo capital social é de 4.120.000,00 milhões de reais, e sua atividade é do ramo do agronegócio: criação de animais, produção de rações e cultivo de gêneros como milho e soja.³⁹

De volta à Praça Conde Prados e ao globo, a cidade de Barbacena necessitava construir suas marcas para o futuro, sendo o monumento do globo uma delas, carregada de sentidos para uma época de novidades tecnológicas, mercadológicas e culturais.

Compreendido o desfecho do fim da Estação Sérica como indústria, é chegada a hora de voltar os olhos para um passado mais recente, que têm seu cume já no

³⁹ As informações sobre a empresa encontram-se na página virtual <http://site.rivelli.ind.br/>. Acesso em 27/11/2018, às 15:12.

presente: a transformação do local de fábrica à patrimônio municipal, ponto turístico da cidade e local de disseminação da cultura.

Após um passeio pelo passado do local, voltar-se para o presente significa ver a permanência do passado no presente. De acordo com Ivo Mattozzi, os bens culturais são portadores de um tríptico processo: aquele de produção e de uso na origem, o de descoberta e de uso de conhecimento e o de valorização social como bens culturais (2008:136). Os processos de produção, uso na origem, descoberta e uso de conhecimento já foram delineadas por este trabalho. A partir do conhecimento acerca da história do Grupo Ponto de Partida e seu empenho em tornar o lugar um “corredor cultural”, como chamam os membros da *trupe*, os estudantes podem construir em si mesmos valores sociais e patrimoniais do local.

Neste ponto, é preciso esclarecer aos estudantes que existem medidas legais a serem tomadas quanto à proteção do patrimônio cultural, estabelecidas de acordo com seu valor cultural, para a cidade, o estado e/ou o país. Neste caso, o Decreto Municipal de Nº 5.222, de 5 de abril de 2004 instituiu proteção legal ao imóvel e seu entorno, apontando que as medidas para salvar o imóvel são urgentes, pois o processo de deterioração está muito acelerado e a cada semana que passa, nota-se novas perdas na parte decorativa (BARBACENA, 2004:17). Neste momento, o grupo Ponto de Partida assumiu o primeiro casarão como sede de suas criações teatrais e, aos poucos, se tornou guardião desse patrimônio.⁴⁰ Desde 1998 o grupo se tornou responsável por este patrimônio na medida em que assumiu a reforma de uma das casas (o segundo casarão mostrado na Imagem 8 do capítulo 1), tendo a última casa sido restaurada entre 2006 e 2009 (Imagem 10 do capítulo 1).

Graças ao uso dos bens culturais e graças à educação para o patrimônio, o aluno adquire conhecimentos sobre o território e sobre os problemas da sua gestão e pode tornar-se um cidadão consciente, interessado e crítico (MATTOZZI, 2008:138). Tal resignificação acontece na medida em que o estudante entra em contato com o bem cultural e sua história local, assim como quando valoriza a preservação e as atividades que acontecem no local hoje. Toda a história do Ponto de Partida e suas atividades ao longo dos 38 anos de existência são narradas pelos integrantes do grupo que apresentam o local aos estudantes, bem como sua agenda de espetáculos do mês. Essas informações

⁴⁰ Esta informação é dada aos visitantes da fábrica no decorrer da visita, mas também se encontra na página virtual do grupo, < <http://www.grupopontodepartida.com.br>>.

também podem ser encontradas de forma resumida na página virtual do grupo: www.grupopontodepartida.com.br.

Com o objetivo não apenas de resgatar a história da Estação Sericícola, mas também incentivar o consumo educativo e cultural do local, este projeto caminha para a construção de uma identidade local nos estudantes, fator que interfere no exercício de sua cidadania. Portanto, a pergunta que direciona a discussão a seguir é: de que forma construção de identidade local por esta via colabora com o desenvolvimento de ações cidadãs?

2.2 Identidade local e cidadania

Para se ensinar História Local é necessário dar voz aos sujeitos que estiveram outrora excluídos dos conteúdos ensinados. Necessita-se trazer as memórias e lembranças mais profundas daquela sociedade para a transformação de tais relatos em uma verdadeira identidade cultural. (ASSIS; BELLÉ; BOSCO: 2013:7.) O professor só consegue dar voz a esses sujeitos na medida em que têm contato com as fontes locais. De acordo com Schmidt, ‘de um modo geral, as obras sobre história local reportam-se à história de pequenas localidades, escritas por pessoas de diferentes segmentos sociais, não necessariamente historiadores’. (2004:11.) Por este motivo as fontes escolhidas para este projeto foram distintas e necessárias, compreendendo *marcas*⁴¹ históricas de Barbacena.

O conhecimento produzido por meio dessas *marcas* é transposto aos estudantes para que compreendam o seu passado local, dentro dos cenários nacional e internacional, mas, ao mesmo tempo, para que valorize este passado e se compreenda através dele. Para a construção de identidade, três elementos seriam fundamentais: a unidade física, a continuidade no tempo e o sentimento de coerência (POLLAK, 1992:204).

Por unidade física, deve-se compreender “o sentimento de ter fronteiras físicas”, neste caso, o espaço do fábrica e sua importância como agente transformador

⁴¹ De acordo com Ivo Mattozzi, “o território em que nos movemos é um mundo de marcas produzidas e deixadas pelos eventos naturais do planeta e pelas atividades de grupos humanos que o habitaram: marcas de metamorfoses geológicas e geográficas; marcas de habitações; marcas arquitetônicas; marcas de estradas e organizações hidráulicas; marcas de atividades produtivas, marcas de atividades administrativas; marcas de atividades do poder ou dos poderes; marcas de atividades religiosas (...)”. (2008:136).

de um tempo. Mesmo que a Estação tenha sido restaurada e hoje possui fins culturais e turísticos, a estrutura permanece como uma referência para a cidade, de tempos idos, mas também do presente. Portanto, o passado pode ser apropriado por meio da história e vivido, ao mesmo tempo, por meio das atividades realizadas no local hoje.

A continuidade no tempo refere-se não apenas ao “sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico”, ou seja, a condição permanente da antiga fábrica na história da cidade é consolidada com a proposta deste projeto, mas também a persistência das características inerentes a um determinado contexto, como o fato de grande parte das famílias locais descenderem de imigrantes italianos e terem herdado suas características étnicas, sociais e culturais.

Por fim, o “sentimento de coerência”, ou seja, de conseguir identificar-se como pertencente a um grupo, seja por meio da história dos imigrantes, parte integrante da história da Estação; seja pelo legado da classe operária, componente essencial para a formação do trabalhador contemporâneo; seja pelo espaço existente na cidade que ainda está ativo e continua sendo de uso coletivo, inclusive na condição de “escola” (anteriormente de instruções para o manejo da seda, e hoje, de música), a Estação Sérica possui essa capacidade de representar uma memória⁴² que venha a compor a identidade.

De acordo com Brandão (1986:47), identidade social é “uma categoria de atribuição de significados específicos a tipos de pessoas em relação umas com as outras”. Portanto, é preciso identificar-se, sentir-se parte das representações históricas da cidade para compreender-se coletivamente; perceber que suas memórias individuais representam também um universo coletivo. E por meio da construção da identidade é que se constitui um cidadão.

Para José Murilo de Carvalho, a cidadania pode ser compreendida como o “exercício pleno dos direitos civis, políticos e sociais em uma sociedade que combine liberdade completa e participação numa sociedade ideal.” (2002:9,10). Neste sentido, o habitante da cidade no cumprimento dos seus deveres é um sujeito da ação, em contraposição ao sujeito de contemplação, omissor e absorvido por si e para si mesmo, ou seja, não basta estar na cidade, mas agir na cidade.

É importante fazer com que os estudantes compreendam que o exercício da cidadania reflete no local onde se vive e na vida das pessoas da cidade (moradores e visitantes), bem como que a cidadania é tema central quanto aos objetivos da educação.

⁴² Neste caso, usando Pollak, novamente: “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade.” (1992:204.)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, diz no sétimo artigo que:

(...) as propostas curriculares do Ensino Fundamental visarão desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores, mediante os objetivos previstos para esta etapa da escolarização (...) (BRASIL, 2013:131)

Dessa forma, a educação precisa se voltar para uma formação que o leve a exercer sua cidadania. O que significa, de acordo com Moacir Gadotti, que existe “uma concepção plena [de cidadania] que se manifesta na mobilidade da sociedade para a conquista de novos direitos e na participação direta da população na gestão da vida pública (...)” (2006:134).

Pensar o destino da cidade é uma atitude cidadã quando a preocupação é criar mecanismos novos de inserção social bem como manter os que já existem na cidade. É o caso de usufruir da Estação Sérica, hoje, como um local de apropriação de conhecimento, de cultura e de lazer.

Faz parte desse projeto civilizatório compreender os espaços e suas propostas de uso, em especial, na medida em que se identificam novas necessidades sociais provenientes de novas demandas, por exemplo, de crianças e jovens que habitam este presente em constante transformação, tendo a cidade que ser pensada, também, como o espaço de experiências voltadas para o desenvolvimento e a felicidade desses grupos.

Por fim, a cidadania necessita de acesso para ser exercida. Desse modo, vivenciar, conviver, partilhar estes espaços é um caminho para a participação social dos indivíduos que habitam a cidade. Conhecer o local onde vivem e sua História são meios de construir no indivíduo uma atitude cidadã, que o faça agir pelo bem-estar do ambiente em que vive.

Para isso, apresento no capítulo 3 um *Guia de Aula de Campo de História: Estação Sericícola de Barbacena*, resultado deste trabalho de pesquisa no Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistória.

CAPÍTULO 3. GUIA DE AULA DE CAMPO DE HISTÓRIA PARA A ESTAÇÃO SERICÍCOLA

Este capítulo trata do produto resultado da investigação histórica acerca da Estação Sericícola de Barbacena e o Ensino de História em aula de campo. Por que transformar o conhecimento ensinável em ferramenta de aula de campo?

Sócrates (470 - 399 a.C.) foi um personagem enigmático da filosofia, especialmente por não ter escrito suas ideias. “Sabemos que nasceu em Atenas e que aí passou sua vida, principalmente nas praças e ruas, onde conversava com todo o tipo de gente.” (GAARDER, 2012:53). Os registros de Platão, seu discípulo, dos diálogos que tinha com ele, revela que sua posição dialógica “levava frequentemente os outros a reconhecerem os pontos fracos de suas reflexões” (GAARDER, 2012:54) e, ao mesmo tempo, afirmava que “mais sábio é aquele que não sabe”.

Sócrates é um exemplo de filósofo que construiu seu pensamento por meio da experiência na cidade de Atenas, no centro urbano, observando e compreendendo o homem, questionando-o em seus pensamentos e suas ações, provocando o rompimento de ideias sólidas e pensamentos obsoletos. A entrega dele à cidade, às ruas e ao povo trouxe uma profunda reflexão sobre a humanidade. Seu comportamento reflete diretamente na vontade de fazer da rua, da praça, do patrimônio e dos habitantes da cidade um lugar de aprendizagem.

As aulas de campo refletem na possibilidade de sermos socráticos, no sentido de problematizar a própria realidade e a compreensão que temos da cidade e da sociedade. O debate em grupo proporciona novas visões de mundo, trazendo um aprendizado construído coletivamente, em prol de um bem comum.

De acordo com Zoratto (2014),

Aula de Campo é uma ferramenta didática que (...) além de aproximar a teoria da realidade, vincula a leitura e a observação, situações e ações que, associadas à problematização e à contextualização encaminhadas pelo docente, ampliam a construção do conhecimento pelo aluno. (p.3).

Isso significa que o estudante pode experimentar e desenvolver diversos tipos de inteligências que se referem, por exemplo, à “[...] capacidade de perceber com precisão o mundo viso-espacial e de realizar transformações sobre essas percepções” (GARUTTI, 2012:7). Além de refletir sobre suas próprias ações na cidade e em benefício da mesma.

Nesta aula, os objetivos a serem contemplados são:

- a) ajudar o aluno a ressaltar o valor histórico, o valor como patrimônio, e o valor identitário da Estação Sericícola, e identificar as transformações técnicas e tecnológicas que determinaram as várias formas de uso e apropriação do espaço urbano;
- b) provocar a curiosidade quanto à história local, sugerindo paralelamente o uso didático de outros espaços da urbe barbacenense;
- c) difundir estratégias de observação e de utilização do espaço urbano, e sobretudo de seus bens culturais, que ajudem a promover a cidadania e a inclusão social.

Os objetivos possuem verbos que estão de acordo com as Habilidades e Competências presentes na Matriz de Referência de Ciências Humanas e suas Tecnologias, disponível na página Virtual do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.⁴³ É importante que essas habilidades se desenvolvam nos estudantes já no Ensino Fundamental, por isso esta proposta de aula de campo é destinada a este segmento. De acordo com a LDB, neste segmento a aprendizagem visa, por exemplo, a compreensão do ambiente natural e social e a formação de atitudes e valores.

Para alcançar os objetivos propostos, é necessário cumprir algumas etapas: *pré-campo*, *campo* e *pós-campo*.

O *pré-campo* necessita de estudo e dedicação do professor. Conhecer e adquirir conhecimento prévio do local selecionado para a aula é fundamental para o sucesso desta empreitada. Primeiramente, ir aos locais, perceber sua estrutura e as condições em que foram criadas e se encontram, para traçar um caminho de investigação acerca de sua história.

O auxílio pode vir de autores locais, fontes importantes para a compreensão da história local. No caso desta investigação sobre a Estação Sericícola, muitos podem ser encontrados na Biblioteca Municipal, como os trabalhos de Altair José Savassi, Antônio Carlos Doorgal de Andrada, Nestor Massena e Silvério Ribeiro, todos fontes desta monografia.⁴⁴

⁴³ <http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/encceja/matrizes-de-referencia>.

⁴⁴ Este trabalho está disponível para consulta na página virtual do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA): profhistoria.uftj.br.

Estes trabalhos tratam, basicamente, da história econômica de Barbacena, o que inclui a antiga fábrica de seda, da vinda de imigrantes e seus lugares na história do município e biografias das pessoas consideradas importantes na construção da cidade.

O Guia, produto deste trabalho, traz uma breve história da Estação suficiente para iniciar o trabalho de pesquisa acerca do tema, que pode se desdobrar em inúmeros focos e possibilidades de construção de conhecimentos. Mas, por que um Guia?

As aulas de campo necessitam ter um roteiro para orientar professores e alunos nesta atividade. Geralmente, quando se visita uma cidade, quase sempre há um centro de informações turísticas que disponibiliza ao visitante roteiros, mapas, sugestões de locais para serem explorados, por exemplo. Aulas de campo acontecem, geralmente, em locais de importância das cidades, porém, os materiais distribuídos pelos centros turísticos carecem de informações a respeito do patrimônio e da história.

Produzir um guia de visita de um local específico colabora com um conhecimento mais amplo acerca do mesmo e, quando explorado como campo de estudo, se torna fundamental para orientação de professores e alunos, além de valorizar esse patrimônio como sendo fundamental para a história local.

O conteúdo contido no Guia foi pensado para que a visita ao local seja marcada por sua história e, por isso, foram selecionados trechos do Capítulo 1 desta dissertação para a montagem do texto. Informações sobre a campanha sérica empreendida por Amílcar Savassi, os decretos de criação, a condição de experimentalismo e o fim desta indústria estão descritos no texto para que o visitante conheça um pouco a respeito do local visitado e possa valorizá-lo.

Diversos modelos de guias de aulas de campo estão disponíveis na *internet*, de disciplinas como biologia, geografia, além de história, como o Planejamento de Aula de Campo, disponibilizado pelo sítio Pontobiologia, com um passo-a-passo de como planejar uma aula desse tipo, definindo local, objetivos, recursos materiais a serem utilizados, organização da visita junto às instituições (escola e museu, por exemplo) etc.

Para o conhecimento de demais espaços da urbe barbacenense, o Guia faz um *link* com outras edificações da cidade, por meio de um mapa onde estão demarcados os trajetos, tendo como ponto de partida a antiga Estação Sérica, e os demais locais sugeridos para exploração.

As potencialidades de realização de mais estudos da história local, com vistas à valorização dos espaços como meios de aprendizagem e incentivo a circulação de

estudantes os levam a conhecer a cidade e sua história, fatores essenciais para a formação de identidade e exercício da cidadania.

Dessa forma, o Guia foi pensado para que os visitantes direcionem seus olhares a outros espaços, tão importantes quanto a Estação na história de Barbacena. Além disso, os locais indicados e sugeridos para visita estão, de alguma forma, ligados à história da antiga fábrica de seda, formando, assim, um percurso turístico-histórico para os interessados.

Cada local possui uma história própria e coletiva, bem como uma utilidade atual, em sua maioria, diferente da de origem. Por exemplo, o Museu Municipal funciona na antiga residência do político comendador João Fernandes de Oliveira Pena e sua construção está datada de 1810, no estilo colonial mineiro.⁴⁵ Vale questionar, por exemplo, sobre a apropriação da casa pelo governo municipal para a instalação do museu. Quem foi João Fernandes e como isso aconteceu? Estas perguntas podem ser o caminho de uma investigação patrimonial com vistas à educação voltada para o patrimônio. Mas este é um tema para outro projeto de aula.

Mesmo assim, quando há o contato dos estudantes com os bens e a apropriação de sua história, continuidades e rupturas no tempo, como a permanência da estrutura e a transformação de suas atividades, maior é o envolvimento do estudante com a cidade onde habita e estará apto ao exercício pleno de sua cidadania.

Constituição do Município de Barbacena, em seu Art. 3º, registra que

O Município de Barbacena reger-se-á por esta Constituição Municipal, atendidos aos princípios das Constituições Federal e do Estado de Minas Gerais e aos seguintes preceitos:

- I- pela soberania popular que se manifesta quando asseguradas condições dignas de existência;
 - II- pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto com valor igual para todos;
 - III- pela iniciativa popular no processo legislativo;
 - IV- pela participação popular nas decisões do Município e no aperfeiçoamento democrático de suas instituições;
 - V- pela ação fiscalizadora sobre a administração pública.
- (BARBACENA, 2011:2).

Desse modo, em especial os preceitos III, IV e V, podem ser construídos nos estudantes por meio dessa proposta de aula de campo, quando eles conseguem, por

⁴⁵ Informação extraída da página virtual do Instituto Estrada Real: <http://www.institutoestrada-real.com.br>. Acesso em 12/12/2018, às 17:23.

exemplo, explorar os espaços da urbe propondo intervenções quanto ao acesso, à conservação e utilização do patrimônio da cidade; reconhecer as formas de usos que tais espaços adquiriram ao longo do tempo e perceber como a população pode usufruir daqueles espaços, pensando e propondo ideias para isso. E por fim, na medida em que a identidade com esses locais é construída, os estudantes podem vir a se tornarem vigilantes do que acontece e de como acontecem os eventos, projetos, movimentos nesses locais, fomentando a ampla participação popular para desfrute de todos, pensando no acesso e na inclusão social.

Todo o trabalho de vivência faz parte da etapa *campo*. Expor os conhecimentos adquiridos acerca do local, apresentar possibilidades de expansão dessa aula de campo, problematizar os temas surgidos ao longo do percurso da aula, discutir possíveis dúvidas dos estudantes, fotografar, etc. Infinitas ações podem surgir da espontaneidade de uma aula de campo pois a própria saída do estudante da escola, da sala de aula, gera expectativa, contato com outras pessoas, visualização e descoberta do novo, etc. Enfim, a aula de campo possui um roteiro, mas que não está engessado e esgotado, pois, como professor, “devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa (...)”. (FREIRE, 2015:47).

O Guia também sinaliza o tombamento do local e revela a utilização e os cuidados do Ponto de Partida com o a antiga fábrica. É importante que o visitante entenda a transformação ocorrida no local, desde sua valorização como patrimônio até a sua utilização como espaço de criação e disseminação da cultura. O espaço oferece uma gama de atividades que podem ser usufruídas pela comunidade local; daí que quanto mais pessoas informadas a respeito do que acontece no local no presente, maior é a participação da comunidade nessas atividades, fator fundamental para o desenvolvimento dos projetos encabeçados pelo Ponto de Partida e pela Bituca Universidade de Música Popular.

Contemplados os objetivos da aula e desvendadas as possibilidades de utilização do local, segue a etapa *pós-campo*. Para um melhor aproveitamento da aula, uma proposta de atividade deve ser planejada pelo professor na etapa *pré-campo*. Isso facilita o direcionamento do olhar do estudante no momento de visita ao patrimônio.

O *pós-campo* é, portanto, a etapa em que os estudantes estão no foco do trabalho para o desenvolvimento da atividade proposta, produto da aula de campo. No caso desta aula, o Guia possui algumas sugestões que seguem abaixo:

- ✓ Montar um diário de aula de campo, com um registro escrito e visual, produzido por cada estudante que participou da aula.
- ✓ Organizar uma exposição fotográfica na escola com imagens produzidas pelos estudantes na visita à Estação Sericícola.
- ✓ Sugerir que cada aluno visite os demais locais indicados no Mapa e que também faça um registro das visitas, para depois compartilhar com a turma.
- ✓ Entrevistar pessoas que possuem suas vidas ligadas à história da fábrica, gravando as entrevistas em vídeo para construção de um *curta* sobre a história da Estação Sericícola.
- ✓ Incentivar a participação da turma em uma das atividades oferecidas pelo grupo Ponto de Partida (como oficinas, palestras etc.) e a confecção de um produto cultural construído coletivamente, e que seja apresentado a toda a comunidade da escola.

Fica a critério do professor utilizar essas ideias ou criar novas, conforme a sua prática e suas propostas de avaliação (em muitos casos, de acordo com a proposta pedagógico-avaliativa da escola). O importante é se criar um produto fruto da aula de campo, junto aos estudantes, tornando-os protagonistas de sua aprendizagem, nos termos de uma educação autônoma.

Paulo Freire aponta, numa perspectiva progressista na qual “Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. ” (2015:47). Por isso é importante que os estudantes criem projetos, trabalhos de acordo com a sua visão de mundo e suas habilidades de construção de conhecimento.

O *Guia de aula de campo de História: Estação Sericícola de Barbacena* foi produzido pela Gráfica Futuro, que fica na Rua Silva Jardim, 401 - Boa Morte, Barbacena - MG, CEP. 36201-004. O texto do *Guia* está presente na íntegra na parte denominada Apêndice desta monografia e uma versão impressa está disponível no anexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A satisfação de poder colaborar com o ensino de história, especificamente da cidade de Barbacena é enorme, haja vista que é a cidade na qual escolhi viver e educar meu filho, portanto, onde exercemos nossas cidadanias. Como professora, me sinto no dever de contribuir com a construção de uma educação de qualidade nesta cidade e, como mãe, que essa qualidade seja consolidada na educação de meu filho e demais crianças e jovens.

A cidade de Barbacena possui um grande potencial de exploração educacional, pois possui uma história rica, iniciada no período colonial da história deste país, cujas marcas encontram-se espalhadas pela urbe deixando evidente a importância deste lugar.

Esse projeto teve início com a visitação do local por uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental para a qual lecionei história no ano de 2018 e, em visita, pude perceber o potencial educativo do local. Como este era novo para mim e outros membros do grupo, decidi trabalhar primeiro a sua história e, posteriormente, projetar isso em um roteiro de aula que pudesse consolidar certo conhecimento da história local, como fator de construção da identidade e da cidadania dos estudantes.

A busca pelas fontes começou com o contato com as fotografias da antiga fábrica pertencentes ao acervo do Ponto de Partida, e seguiu para a casa de Cultura, onde se encontram a Biblioteca e o Arquivo Municipais, locais de suma importância para a pesquisa da História Local.

A descoberta de autores locais e do jornal *O Sericicultor* possibilitaram a construção deste trabalho pois informações fundamentais acerca deste patrimônio estavam presentes nessas fontes. O processo de Tombamento Municipal da Estação, disponibilizado pela Secretaria de Obras da Prefeitura de Barbacena também foi de grande valia, já que descreve o porquê desse imóvel ser tão significativo na história da cidade, o que consolidou a escolha do local como espaço de estudo e ensino.

Demais fontes presentes no trabalho foram selecionadas ao longo deste curso de pós-graduação, muitas delas presentes nas ementas das disciplinas cursadas, além dos indicados pela orientadora da pesquisa e que foram adquiridos por meio da investigação individual. As imagens contidas são fotografias atuais feitas por mim e as antigas foram disponibilizadas pelo Grupo Ponto de Partida, pois pertencem ao seu acervo mesmo.

Finalmente, a elaboração do Guia veio a calhar por ser um produto de baixo custo, de fácil promoção e distribuição, podendo ser usufruído por professores, estudantes e quem mais se interessar pela história da fábrica, como o público visitante e atuante nesse patrimônio em utilização.

A missão, a partir deste trabalho, é tentar alcançar as redes de ensino da cidade, Estadual, Municipal e Privada, para fortalecer junto a esta a ideia de uma cidade educadora, que visa a integração e interação dos indivíduos com o meio, permitindo e viabilizando a formação cidadã em toda a cidade.

A estratégia é dar visibilidade a este projeto por meio de concursos, eventos, palestras, mostras e demais oportunidades que as instituições oferecerem. O Grupo Ponto de Partida será parceiro, portando o Guia produto deste trabalho em seu estabelecimento e direcionando as visitas escolares de acordo com o mesmo.

A intenção primeira é que este trabalho sirva para estimular aos professores a utilização de novos métodos, abordagens e espaços educativos, contribuindo com o desenvolvimento dos estudantes e com uma educação de qualidade. A busca pelo conhecimento deve ser incessante e ilimitada, tanto do professor quanto do estudante, pois “a inconclusão que se reconhece a si mesma implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca.” (FREIRE, 2015:54)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE Jr., D. M. de. Regimes de historicidade: como se alimentar de narrativas temporais através do ensino de História, In: GABRIEL, C. T.; MONTEIRO, A. M.; MARTINS, M. B. **Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História**. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

ANDRADA, Antônio Carlos Doorgal de. **Um século de História** – a imigração italiana em Barbacena (1888 – 1988). Gráfica e Editora Cidade de Barbacena. Barbacena, 2006.

APPEL, Ana; ARAUJO, Maria Bethania; NICOLAZZI JR., Norton Frehse. **História: 9º ano**. Edebê Brasil. Brasília, 2017.

AZEVEDO. Esterzilda Berenstein de. **Patrimônio industrial no Brasil**. Revista de Arquitetura e urbanismo. USJT. n. 3. São Paulo, 2010. P. 11-22.

BALDEZ, Alda Leila Santos; DIESEL, Aline; MARTINS, Silvana Neumann. **Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica**. Revista Thema. Rio Grande do Sul. Vol.14. Nº1. 2017. P.268-288.

BOTELHO, Tarcísio R. Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís. In: **Revista Eure** (Vol. XXXI, nº 93). P. 53-71, Santiago de Chile, agosto de 2005. P. 1-19.

BRANDÃO, C. R. **Identidade e Etnia**. Construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Senado Federal. LEI N. 2.050 – DE 31 DE DEZEMBRO DE 1908. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=543824&id=14439066&idBinario=15714058&mime=application/rtf>. Acesso em 23/04/2018.

CARVALHO, Jose Murilo. **Cidadania no Brasil** – o longo caminho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CHEVALLARD, Y., BOSH, M. e GASCÓN J. **Estudar Matemáticas** o Elo entre o Ensino e a Aprendizagem. Arimed. Porto Alegre, 2001.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESCO, 2001. (Capítulo V – A invenção do patrimônio urbano. P. 175-203).

FANTONI, Roberto Filippini. **Como a Poliamida Substituiu a Seda: uma História da Descoberta da Poliamida 66**. Polímeros vol. 22 nº.1 São Carlos 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-14282012000100003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FORTUNA, Cláudia Prado; SIMON, Cristiano Biazzo. **Memória, Patrimônio e Ensino de História**. Periódico unicamp. 2014.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**. 1ª- ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GARUTTI, Selson. **A teoria das inteligências múltiplas como conceito de Educação Ambiental**. Revista Intersaberes, v. 7, nº 14, p. 291-308. ago./dez. 2012. ISSN 1809-7286.

KHÜL, Beatriz M. **Patrimônio Industrial**: algumas questões em aberto. Revista de Arquitetura e urbanismo. USJT. n.3. São Paulo, 2010. P. 23-30.

MASSENA, Nestor. **Barbacena**; a terra e o homem. Imprensa Oficial. Vol.1. Belo Horizonte, 1985.

MATTOZZI, Ivo. Currículo de História e educação para o patrimônio. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 47, junho, 2008. P.135-155.

_____. A História ensinada: educação cívica, educação social ou formação cognitiva? Revista Estudo da História. Associação dos Professores de História (APH), n.3, out. 1998. Dossiê: O Ensino de História: problemas da didática e do saber histórico.

MENESES, Ulpiano. **Morfologia das cidades brasileiras**. Introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. Revista USP, São Paulo, N. 30, p. 144-155, 1996.

PAIM, Elison Antonio. Para além de formar professores, dialogar sobre as experiências vividas. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Espaços educativos e ensino de História**. Boletim 02, abril, 2006.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes da educação básica de história**. Curitiba: SEED, 2008. Disponível em: <DIAADIAEDUCACAO.PR.GOV.BR>. Acesso em: 10 jun. 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidade, espaço e tempo**: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. Cadernos do LEPAARQ, Pelotas. v. 2, n. 4, 2005. P.9-17.

RIBEIRO, José Silvério. **História Econômica do Município de Barbacena**. Vol.1(1889-1930) – Tempos de esperança. Gráfica e Editora Cidade de Barbacena. Barbacena, 2012.

SAVASSI, José Altair. **Barbacena**; 200 anos. Editora Lemi S.A. Belo Horizonte, 1991.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais**: história. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SGARBI, Antonio Donizetti; CHISTÉ, Priscila de Souza. **Cidade educativa**: reflexões sobre a educação, a cidadania, a escola e a formação humana. Revista Debates em Educação Científica e Tecnológica, Vitória, v. 6, n. 1, out. 2015.

SIQUEIRA, K. B.; CARNEIRO, A. V.; CARVALHO, G. R.; HOTT, M. C.; FONSECA, L. D'A. M.; ASSIS, A. G. de. **Perfil dos laticínios da Zona da Mata Mineira e Campo das Vertentes**. Boletim CBLeite, Juiz de Fora, v. 4, n. 11, p. 62-68, ago 2010.

VALE, José Misael Ferreira do; MAGNONI, Maria da Graça Mello. **Ensino de Geografia, desafios e sugestões para a prática educativa escolar**. Ciência Geográfica: Bauru – XVI – Vol. XVI – (1): Janeiro/Dezembro, 2012.

VELASCO, D. Conhecimento escolar, realidade do aluno e cidadania: articulações no currículo de história. In: GABRIEL, C. T.; MORAES, L. M. S. (Orgs.) **Currículo e conhecimento**: diferentes perspectivas teóricas e abordagens metodológicas. Petrópolis: Ed. DP et Alii, 2014.

ZORATTO, Fabiana Martins Martin. Aula de campo como instrumento didático-pedagógico para o ensino de Geografia. In. Os **Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE**. Vol.1. Paraná, 2014.

Periódicos

O Sericicultor. Barbacena, 1906. Ano I. N.4. P.1.

_____. 1906. Ano I. N.5. 22 de julho. P.1, 2, 3

_____. 1906. Ano I. N.8. 12 de agosto. P.2, 3.

_____. 1906. Ano I. N.17. 9 de dezembro. P.3.

_____. 1909. Ano II (2ª fase). N.18. 13 de junho. P.2.

_____. 1909. Ano II (2ª fase). N.20. 27 de junho. P.1.

_____. 1909. Ano II (2ª fase). N.21. 4 de julho. P.1.

_____. 1910. Ano II (2ª fase), N.52. 10 de março. P.2.

Sítios na internet:

Dicionário do Aurélio. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/globalizacao>. Acesso em 25/11/18.

Empresa Rivelli. Disponível em: <http://site.rivelli.ind.br/>. Acesso em 27/11/2018.

IBGE. Disponível em biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=449649&view=detalhes. Acesso em 22/11/2018.

Instituto Estrada Real. Disponível em: <http://www.institutoestradaareal.com.br>>. Acesso em 12/12/2018.

IPHAN. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em 01/01/2018.

GJ Tecidos Exclusivos. Disponível em: <https://www.gjtecidos.com.br>. Acesso em 27/11/2018.

Matriz de Referência do ENEM. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/encceja/matrizes-de-referencia>. Acesso em 13/12/2018.

Página oficial do Grupo Ponto de Partida. Disponível em: <http://www.grupopontodepartida.com.br>. Acesso em 10/12/2018.

Portal Cidades Educadoras. Disponível em cidadeseducadoras.org.br>. Acesso em 12/07/2018.

Pontobiologia. Disponível em <https://pontobiologia.com.br/como-planejar-uma-aula-campo/>. Acesso em 22/05/2018.

Projeto Bicho da Seda – Universidade Estadual de Maringá. Disponível em <http://www.dbc.uem.br/laboratorios/Bombyx.htm>. Acesso em 02/10/2018.

APÊNDICE – GUIA DE AULA DE CAMPO DE HISTÓRIA

Guia de aula de campo de História:

Estação Sericícola de Barbacena

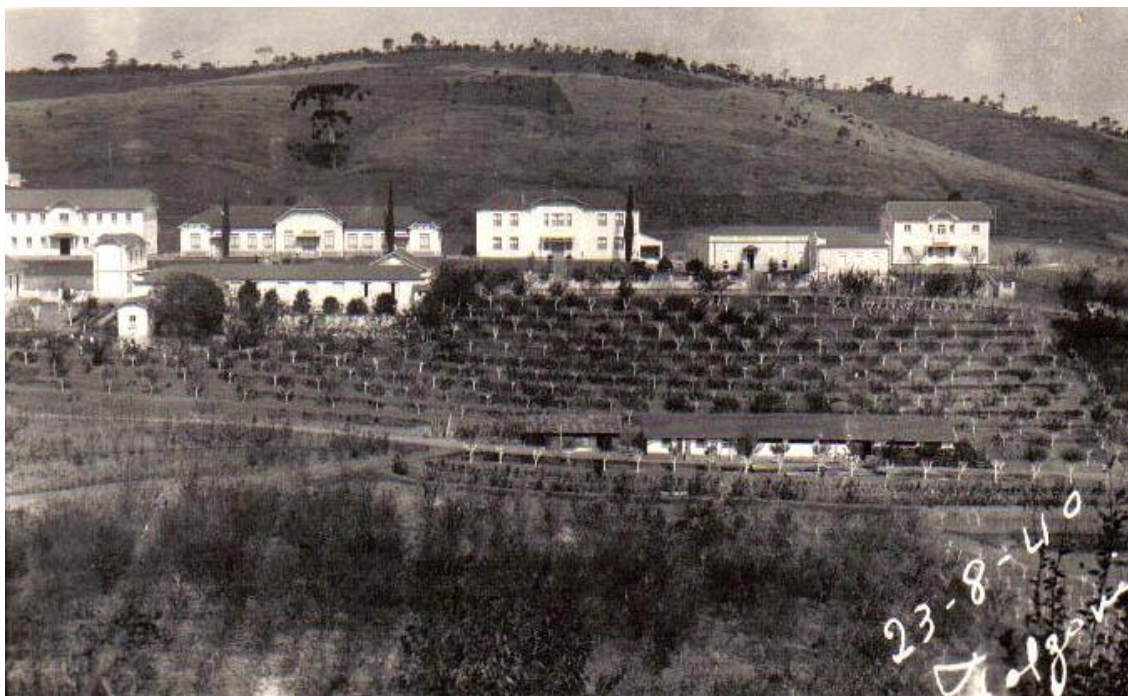
A aula de campo como instrumento facilitador da aprendizagem no Ensino Fundamental

Objetivos do Guia:

Entendendo o trabalho de campo como um caminho para o aluno compreender o lugar e o mundo, através da observação do espaço "vivido e concebido", este Guia de Aula de Campo pretende ser um material capaz de oferecer elementos que possam ser usados em uma aula de campo a ser realizada na Estação Sericícola de Barbacena, com alunos do Ensino Fundamental. Esse Guia traz dados da história da Estação Sericícola, apontando para a relação existente entre a Colônia Rodrigo Silva e a criação da antiga fábrica. E tem por objetivo: a) ajudar o aluno a ressaltar o valor histórico, o valor como patrimônio, e o valor identitário da Estação Sericícola, e identificar as transformações técnicas e tecnológicas que determinaram as várias formas de uso e apropriação do espaço urbano; b) provocar a curiosidade quanto à história local, sugerindo paralelamente o uso didático de outros espaços da urbe barbacenense; c) difundir estratégias de observação e de utilização do espaço urbano, e sobretudo de seus bens culturais, que ajudem a promover a cidadania e a inclusão social.

Para começar, portanto, uma breve História da Estação Sericícola...

Dois decretos de 10 de julho de 1912 criaram as estações sericícolas de Barbacena, em Minas Gerais, e Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, as primeiras desse tipo no Brasil. Assim, em Barbacena, a campanha para a criação do bicho da seda (a sericicultura), com o objetivo de produzir o fio de seda (a chamada produção sérica), empreendida pelo imigrante italiano Amílcar Savassi, e iniciada em 1897, finalmente materializou-se em indústria.

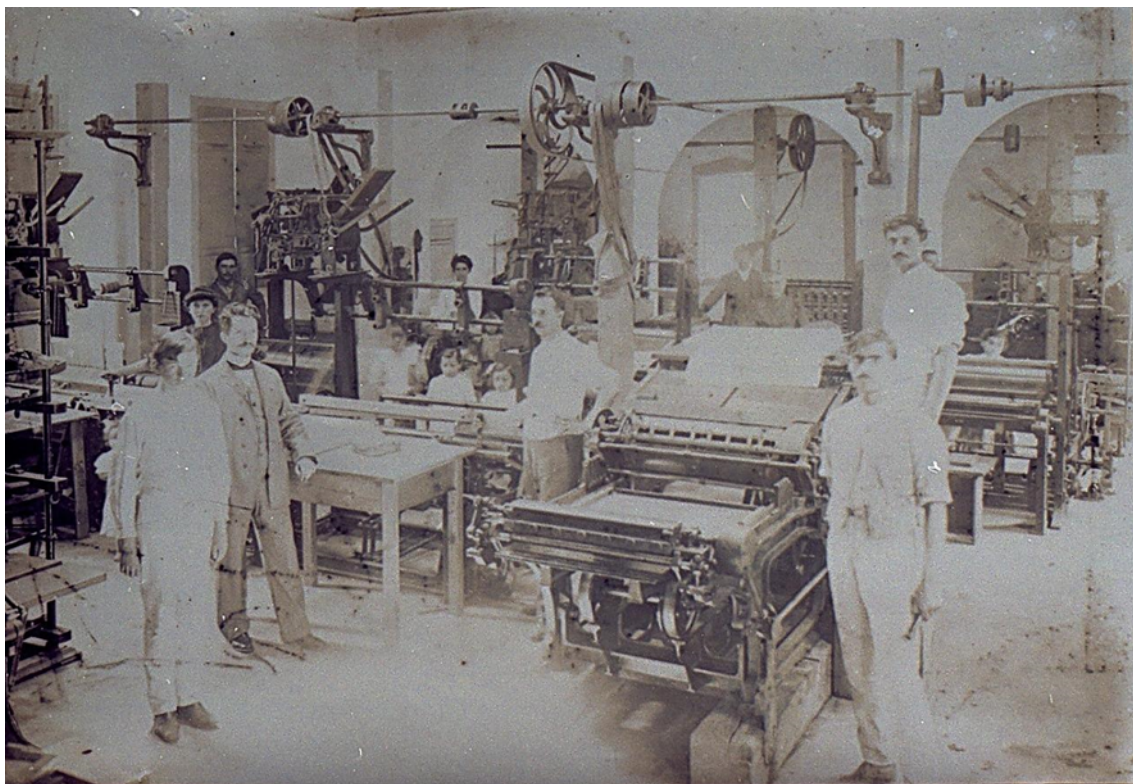


Vista da fábrica em 1940. Fotografia. Acervo Grupo Ponto de Partida.

A Colônia Agrícola Rodrigo Silva, instalada em 1888 pelo Governo Imperial em Barbacena, foi o principal terreno desta empreitada. Cedida ao Estado de Minas Gerais em 1890, com uma área inicial de 37.802.670,20 m², a colônia foi habitada essencialmente por imigrantes italianos. E entre eles estava Amílcar Savassi, que foi nomeado diretor da Colônia em 1898.

Amílcar Savassi empreendeu campanhas de plantio de amoreiras, já que a folha dessa árvore é o alimento do bicho-da-seda (o *Bombyx mori*), cuja larva produz um invólucro que resulta no fio da seda. Todo o aparato foi então sendo projetado para a instalação da indústria neste espaço, desde a produção da matéria prima, que neste caso teve início com os agricultores da colônia Rodrigo Silva, até a produção e o beneficiamento do fio da seda.

Em viagem à Europa, em 1905, Amílcar Savassi adquiriu, a expensas do governo mineiro, maquinismos de fiação do casulo do bicho-da-seda, de preparo do fio e de tecelagem, que foram instaladas na Sede da Colônia.



Maquinismos adquiridos na Europa, já nas instalações da fábrica e em funcionamento. Fotografia. Acervo Grupo Ponto de Partida.

A Estação Sericícola de Barbacena foi criada como um projeto experimental, que também existiu para os setores da cana de açúcar e do algodão, tendo sido uma das tentativas do Ministério da Agricultura de desenvolver a produção agropecuária, no princípio do século XX, na região.

Isso significa que a Estação distribuía gratuitamente mudas de amoreira, óvulos selecionados do bicho-da-seda, para incentivar a produção agrícola voltada para a indústria, bem como instruções práticas sobre a cultura da amoreira e a criação do bicho da seda (também chamado de sirgo). Um dos principais órgãos de difusão de instruções sobre o tema na região foi o jornal *O Sericultor*, cujo diretor era o próprio Amílcar Savassi.



Fragmento do jornal *O Sericultor* mostrando as várias etapas do crescimento do bicho da seda: período larval, dividido em cinco e, após a fase larval, a troca de pele, que o transforma em crisálida, com um casulo formado no período de transição entre a larva e a borboleta. *O Sericultor*, 1907.

A infraestrutura da Estação permitia a fabricação de vestidos de seda, coletes, echarpes e meias. Os principais prédios da fábrica, que permanecem erguidos até os dias atuais, eram destinados à Sessão Experimental, à Escola de Sericultura, à Secretaria e ao Departamento de Fiação e Tecelagem.

A Estação Sericícola de Barbacena passou por um longo período de realização dessa atividade (de produção da seda e de disseminação de sua cultura) até sua derrocada, em 1973. O principal fator que determinou a decadência da cultura do bicho da seda e o encerramento das atividades da fábrica foi a concorrência, no mercado nacional, da seda pura com a seda sintética, feita de poliéster. Em Barbacena, o fim da indústria da seda coincidiu com um momento em que a cidade deixava de ter uma economia baseada na indústria, para ter sua arrecadação proveniente principalmente do agronegócio e da prestação de serviços.

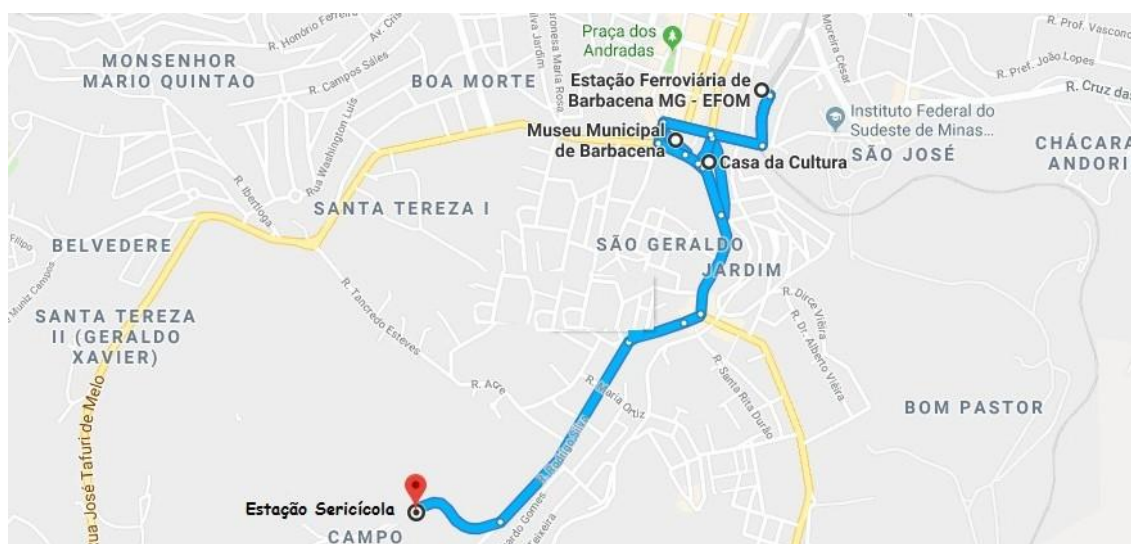
Elos patrimoniais: da Estação Sericícola para a cidade...

A Cidade não precisa ser pensada apenas a partir de suas funções tradicionais, ela também pode ser vista como uma Cidade Educadora, que tem potencial para exercer um papel transformador na vida dos sujeitos.

A Estação Sérica pode, assim, ser entendida como uma *fonte* e um *veículo* de aprendizagem. Como *fonte*, em que o conhecimento da história local funciona como um microcosmo dentro das histórias de âmbito nacional e global, e que se configura como uma das ferramentas indispensáveis na construção da identidade dos alunos, visando a uma formação integral voltada para o exercício da cidadania.

Veículo, porque leva a outros lugares da cidade com os quais sua história se conecta, como: a) o Museu Municipal, que possui uma sala dedicada à exposição de um pequeno acervo da Estação Sericícola; b) a Estação Férrea de Barbacena, onde chegavam produtos primários e de onde partiam artigos beneficiados da antiga fábrica; c) o Arquivo Municipal, localizado na Casa da Cultura, que mantém em seu acervo grande parte das edições do jornal *O Sericicultor*; e ainda, d) a Praça Conde Prados, conhecida como Praça do Globo, devido ao simbolismo futurístico inaugurado em meados de 1960, marcando o início da decadência da Estação Sérica e a entrada do Brasil no circuito econômico mundial, caracterizado pela predominância de megaempresas.

O mapa a seguir assinala alguns possíveis locais a serem visitados, como um roteiro para a construção e consolidação do aprendizado proposto neste Guia.



Rota demarcada entre os locais mencionados. Mapa produzido com a ferramenta do Google Maps, em 23/11/2018.

O local hoje...

O tombamento da Estação Sericícola foi estabelecido pelo Decreto Municipal nº 5.222, de 05 de abril de 2004, que protegeu todo o seu conjunto arquitetônico e paisagístico.

Com o apoio da comunidade, da Cemig, da Copasa e da Prefeitura Municipal de Barbacena, o grupo Ponto de Partida teve força e incentivo para revitalizar o local, recuperando os prédios e dando utilidade pública ao espaço. O projeto de restauração dos edifícios foi conduzido pelos arquitetos Alexandre Rousset, Luciana Araújo e Tereza Bruzzi.

Para a reforma do jardim, o projeto paisagístico foi realizado de forma coletiva, como contou a integrante do grupo, Lólo:

“Sabe o quê que nós fizemos? Fizemos um jardim-escola. Sabe quem veio reformar isso tudo aqui? Inhotim! Inhotim. Ai o quê que nós fizemos? Vamos reformar o jardim, mas vamos fazer um jardim-escola. Então a gente abriu inscrição para paisagistas, biólogos, todo mundo que gosta e mexe com a natureza, né? Se inscreveram e eles iam estudando, aprendendo a plantar, aprendendo a podar, aprendendo a colher e ao mesmo tempo eles iam plantando e fazendo o jardim. ”

Hoje, o grupo teatral Ponto de Partida e a Bituca – Universidade de Música Popular estão instalados no local e coordenam a maior parte das atividades realizadas, como peças, shows, palestras, oficinas, entre outras iniciativas gratuitas e cobradas, conforme a proposta de inserção cultural dos grupos.

Algumas sugestões de atividades para os estudantes após a aula de campo:

- ✓ Montar um diário de aula de campo, com um registro escrito e visual, produzido por cada estudante que participou da aula.

- ✓ Organizar uma exposição fotográfica na escola com imagens produzidas pelos estudantes na visita à Estação Sericícola.
- ✓ Sugerir que cada aluno visite os demais locais indicados no Mapa e que também faça um registro das visitas, para depois compartilhar com a turma.
- ✓ Entrevistar pessoas que possuem suas vidas ligadas à história da fábrica, gravando as entrevistas em vídeo para construção de um curta sobre a história da Estação Sericícola.
- ✓ Incentivar a participação da turma em uma das atividades oferecidas pelo grupo Ponto de Partida (como oficinas, palestras etc.) e a confecção de um produto cultural construído coletivamente, e que seja apresentado a toda a comunidade da escola.

Referências bibliográficas e sítios na internet:

Acervo fotográfico do grupo Ponto de Partida.

ANDRADA, Antônio Carlos Doorgal de. Um século de História – a imigração italiana em Barbacena (1888 – 1988). Gráfica e Editora Cidade de Barbacena. Barbacena, 2006.

Cidades Educadoras – página virtual: <https://cidadeseducadoras.org.br>

Grupo Bituca – Universidade de Música Popular – página virtual: <http://bituca.org.br/>

Grupo Teatral Ponto de Partida – página virtual: <http://www.grupopontodepartida.com.br/>

MASSENA, Nestor. Barbacena; a terra e o homem. Imprensa Oficial. Vol.1. Belo Horizonte, 1985.

RIBEIRO, José Silvério. História econômica do Município de Barbacena. Vol.1 (1889-1930) – Tempos de esperança. Barbacena: Gráfica e Editora Cidade de Barbacena, 2012.

SAVASSI, José Altair. Barbacena; 200 anos. Editora Lemi S.A. Belo Horizonte, 1991.

Agradecimentos:

“Lóló” Eloísa Mendes - Grupo Ponto de Partida.

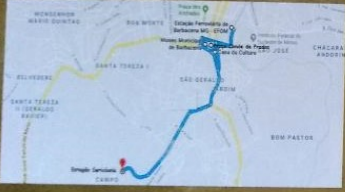
Ciro Belluci - Grupo Ponto de Partida.

Este Guia é parte integrante da monografia *História local e patrimônio industrial: visitando e aprendendo com a Estação Sericícola de Barbacena – MG*, defendida por Dayanne Busato Romano, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (Profhistória) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, em 2019.

ANEXO – GUIA DE AULA DE CAMPO DE HISTÓRIA – VERSÃO IMPRESSA

Veículo, porque leva e outros lugares da cidade com os quais sua história se conecta, como: a) o Museu Municipal, que possui uma sala dedicada à exposição de um pequeno acervo da Estação Sericícola; b) a Estação Férrea de Barbacena, onde chegavam produtos primários e do onde partiam artigos beneficiários da antiga fábrica; c) o Arquivo Municipal, localizado na Casa da Cultura, que mantém em seu acervo grande parte das edições do jornal O Sericultor, e ainda, d) a Praça Conde de Prados, conhecida como Praça do Globo, devido ao simbolismo futurístico inaugurado em meados de 1960, marcando o início da decadência da Estação Sérica e a entrada do Brasil no circuito econômico mundial, caracterizado pela predominância de megaeempresas.

O mapa a seguir demarca alguns possíveis caminhos e locais para a construção e consolidação do aprendizado proposto neste guia.



O local hoje...

O tombamento da Estação Sericícola foi estabelecido pelo Decreto municipal, nº 5.222 de 05 de abril de 2004, que protegeu todo o seu conjunto arquitetônico e paisagístico.

Com o apoio da comunidade, da Cemig, da Copasa e da Prefeitura Municipal de Barbacena, o grupo Ponto de Partida teve força e incentivo para revitalizar o local, recuperando os prédios e dando utilidade pública ao espaço. O projeto de restauração dos edifícios foi conduzido pelos arquitetos Alexandre Roussel, Luciana Araújo e Tereza Bruzzi.

Para a reforma do jardim, o projeto paisagístico foi realizado de forma coletiva, com contou a integrante do grupo, Lódi:

"Sabe o que que nós fizemos? Fizemos um jardim-escola. Sabe quem veio reformar isso tudo aqui? Inhotim! Inhotim. Alô o quê que nós fizemos? Vamos reformar o jardim, mas vamos fazer um jardim-escola. Então a gente abriu inscrição para paisagistas, biólogos, todo mundo que gosta e mexe com a natureza, né?"

Se inscreveram e eles iam estudando, aprendendo a plantar, aprendendo a podar, aprendendo a colher e ao mesmo tempo eles iam plantando e fazendo o jardim."

Hoje, o grupo teatral Ponto de Partida e a Bituca – Universidade de Música Popular estão instalados no local e coordenam a maior parte das atividades realizadas, como peças, shows, palestras, oficinas, entre outras iniciativas gratuitas e cobradas, conforme a sua proposta de criação e inserção cultural.

Algumas sugestões/propostas de atividades para os estudantes após a aula de campo:

- Montar um diário de aula de campo com um registro escrito de cada estudante que participou da aula.
- Organizar uma exposição fotográfica na escola com imagens produzidas pelos estudantes na visita à fábrica.
- Sugerir que cada aluno visite os demais locais indicados no Mapa e que também faça um registro das visitas, para depois compartilhar com a turma.
- Entrevistar pessoas que possuem suas vidas ligadas à história da fábrica, gravando as entrevistas em vídeo para construção de curta sobre a história da Estação Sericícola.
- Incentivar a participação da turma em uma das atividades oferecidas pelo grupo Ponto de Partida (como oficinas, palestras, etc.) e a confecção de um produto cultural construído coletivamente, e que seja apresentado a toda a comunidade da escola.

Referências bibliográficas e sites na Internet:

- >Acervo fotográfico do grupo Ponto de Partida.
- >ANDRADA, Antônio Carlos Dorsal de. Um século de História – a imigração italiana em Barbacena (1888 – 1988).
- >Cidades Educadoras – página virtual: <https://cidadeseducadoras.org.br/>
- >Grupo Bituca – Universidade de Música Popular – página virtual: <http://bituca.org.br/>
- >Grupo Teatral Ponto de Partida – página virtual: <http://www.grupoportodepartida.com.br/>
- >MASSENA, Nestor. Barbacena: a terra e o homem. Imprensa Oficial, Vol. 1. Belo Horizonte, 1985.
- >RIBEIRO, José Silvério. História econômica do Município de Barbacena, Vol. 1 (1889-1930) – Tempos de esperança. Barbacena: Gráfica e Editora Cidade de Barbacena, 2012.
- >SAVASSI, José Altair. Barbacena: 200 anos. Editora Lemi S.A. Belo Horizonte, 1991.

Agradecimentos:

"Lódi" Eloísa Mendes- Grupo Ponto de Partida.
Ciro Balluci - Grupo Ponto de Partida.

Este Guia é parte integrante da monografia História local e patrimônio industrial: visitando e aprendendo com a Estação Sericícola de Barbacena – MG, defendida por Dayane Busato Romano, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProHistória) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, em 2019.



*Guia de aula de campo de História:
Estação Sericícola de Barbacena*

A aula de campo como instrumento facilitador de aprendizagem no Ensino Fundamental

Dayane Busato Romano

Objetivos do guia:

Entendendo o trabalho de campo como um caminho para o aluno compreender o lugar e o mundo, através da observação do espaço "vivo e concebido", este Guia de Aula de Campo pretende ser um material capaz de oferecer elementos que possam ser usados em uma aula de campo a ser realizada na Estação Sericícola de Barbacena, com os alunos do ensino fundamental. Esse guia traz dados da história da Estação Sericícola, apontando para a relação existente entre a Colônia Rodrigo Silva e a criação da antiga fábrica. E tem por objetivo: a) ajudar o aluno a ressaltar o valor histórico, o valor como patrimônio, e o valor identitário da Estação Sericícola, e identificar as transformações técnicas e tecnológicas que determinaram as várias formas de uso e apropriação do espaço urbano; b) provocar a curiosidade quanto à história local, sugerindo paralelamente o uso didático de outros espaços da urbe barbacenense; c) difundir estratégias de observação e de utilização do espaço urbano, e sobretudo de seus bens culturais, que ajudem a promover a cidadania e a inclusão social.

Para começar, portanto, uma breve História da Estação Sericícola...

Dois decretos de 10 de julho de 1912 criaram as estações serícolas de Barbacena, Minas Gerais e Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, as primeiras desse tipo no Brasil. Assim, em Barbacena, a campanha para a criação do bicho da seda (a sericultura), com o objetivo de produzir o fio de seda (a chamada produção sérica), empreendida pelo imigrante italiano Amilcar Savassi e iniciada em 1897, finalmente materializou-se em indústria.



Visita da fábrica em 1940. Fotografia. Acervo Grupo Ponto de Partida

A Colônia Agrícola Rodrigo Silva, instalada em 1888 pelo Governo Imperial em Barbacena, foi o principal terreno desta empreitada. Cedida ao Estado de Minas Gerais em 1890, com uma área inicial de 37.802.670,23m², a colônia foi habitada essencialmente por imigrantes italianos. E entre eles estava Amilcar Savassi, que foi nomeado diretor da Colônia em 1898.

Amilcar Savassi empreendeu campanhas de plantio de amoreiras, já que a folha dessa árvore é o alimento do bicho-da-seda (o Bombyx mori), cuja larva desenvolve o invólucro sérico que resulta no fio da seda. Todo aparato foi então sendo projetado para a adequação da indústria neste espaço, desde a produção da matéria prima, que neste caso teve início com os agricultores da Colônia Rodrigo Silva ao mercado.

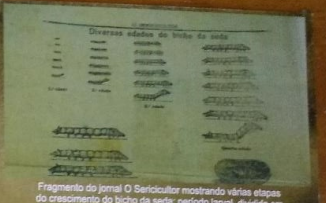
Em viagem à Europa, em 1905, Amilcar Savassi adquiriu, às expensas do governo mineiro, maquinismos de fiação do casulo do bicho-da-seda, preparo do fio e tecelagem, que foram instaladas na Sede da Colônia.



Maquinismos adquiridos na Europa, já nas instalações da fábrica e em funcionamento. Fotografia. Acervo Grupo Ponto de Partida

A Estação Sericícola de Barbacena foi criada como um projeto experimental, que também existiu para os setores da cana de açúcar e do algodão, tendo sido uma das tentativas do Ministério da Agricultura de desenvolver a produção agropecuária, principalmente do século XX, na região.

Isso significa que a Estação distribuía gratuitamente mudas de amoreira, ovos selecionados do bicho-da-seda, para incentivar a produção agrícola voltada para a indústria, bem como instruções práticas sobre a cultura da amoreira e a criação do bicho da seda (também chamado de Sirgo). Um dos principais órgãos de difusão de instruções sobre o tema na região foi o jornal O Sericultor, cujo diretor era o próprio Amilcar Savassi.



Fragmento do jornal O Sericultor mostrando vários aspectos do crescimento do bicho da seda: período larval, dividido em cinco e, após a fase larval, a troca de pele, que o transforma em crisálida, com um casulo formado no período de transição entre a larva e a borboleta. O Sericultor, 1907

A infraestrutura da Estação permitia a fabricação de vestidos de seda, coleiras, echarpes e meias. Os principais prédios da fábrica, que permaneceram erguidos até hoje, eram destinados à Sessão Experimental, à Escola de Sericultura, à Secretaria e o Departamento de Fiação e Tecelagem.

A Estação Sericícola de Barbacena passou por um longo período de realização dessa atividade (produção da seda e da disseminação de sua cultura) até a sua derrocada, em 1973. O principal fator que determinou a decadência da cultura do bicho de seda e o encerramento das atividades da fábrica foi a concorrência, no mercado nacional, da seda pura com a seda sintética, feita de poliéster. Em Barbacena, o fim da indústria da seda coincidiu com um momento em que a cidade deixava de ter uma economia baseada na indústria, para ter sua arrecadação proveniente principalmente do agronegócio e da prestação de serviços.

Elas patrimoniais: da Estação Sericícola para a cidade...

A cidade não precisa ser pensada apenas a partir de suas funções tradicionais, ela também pode ser vista como uma Cidade Educadora, que tem potencial para exercer um papel transformador na vida dos sujeitos.

A Estação Sérica pode, assim, ser entendida como uma como uma fonte e um veículo de aprendizagem. Como fonte, em que o conhecimento da história local funciona como um microcosmo dentro das histórias de âmbito nacional e global, e que se configura como uma das ferramentas indispensáveis na construção da identidade dos alunos, visando a uma formação integral voltada para o exercício da cidadania.